

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA**  
**CURSO DE HISTÓRIA**

EMILLY KAREN DOS SANTOS VASCONCELLOS

***HIPPIES, ELITES E ARTISTAS ENTRE CONFLITOS E CONCILIAÇÕES: OS***  
**PRIMEIROS FESTIVAIS DE VERÃO DE MARECHAL DEODORO E A DITADURA**  
**CIVIL-MILITAR (1970 - 1972)**

Maceió

2023

EMILLY KAREN DOS SANTOS VASCONCELLOS

***HIPPIES, ELITES E ARTISTAS ENTRE CONFLITOS E CONCILIAÇÕES: OS PRIMEIROS FESTIVAIS DE VERÃO DE MARECHAL DEODORO E A DITADURA CIVIL-MILITAR (1970 - 1972)***

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharelado em História.

Orientador (a): Prof. Dr. Anderson da Silva Almeida

Maceió

2023

**Catálogo na Fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

V331h Vasconcellos, Emilly Karen dos Santos.  
*Hippies, elites e artistas entre conflitos e conciliações : os primeiros festivais de verão de Marechal Deodoro e a ditadura civil-militar (1970 - 1972) / Emilly Karen dos Santos Vasconcellos. – 2023.*  
82 f. : il.

Orientador: Anderson da Silva Almeida.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História : bacharelado)  
– Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,  
Comunicação e Artes. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 76-82.

1. Brasil - História - Golpe civil-militar, 1964. 2. Festivais de Verão - Marechal Deodoro (AL). 3. Censura. 4. Cultura. . I. Título.

CDU: 94(813.5).087

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha mãe por todo o apoio e compreensão de uma vida inteira em meus projetos e sonhos, se não fosse por ela não teria chegado onde cheguei. Sou grata pela UFAL, como aluna bolsista que fui, todo o apoio financeiro ofertado me possibilitou permanecer na Universidade e concluir essa graduação com muito esforço, principalmente durante a pandemia. Também sou grata a minha rede de amigos, assim como, aqueles que conheci no ICHCA, obrigada por toda a ajuda mútua no decorrer desse curso e por esses anos de amizade e cumplicidade, tive momentos memoráveis dentro deste bloco. Em especial agradeço ao meu querido namorado Pedro Abib que também conheci no curso de História, por todo o suporte, compreensão e encorajamento dado no decorrer dessa trajetória.

Agradeço a todo o corpo docente do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes pelo conhecimento proporcionado e pela contribuição em minha jornada intelectual, sendo esse, um marco na minha vida. Quero agradecer em especial ao meu orientador Anderson Almeida, por ter me indicado este tema e ter fornecido os nortes muito necessários para a conclusão deste trabalho, agradeço por ter sempre se disponibilizado para ajudar, por toda a paciência e orientação que me foi dada. Também, agradeço a banca de professores Ana Claudia Aymoré e Elias Veras por terem aceitado e terem se disponibilizado em contribuir com o meu trabalho de conclusão de curso.

Dedico esta monografia aos meus queridos que partiram (in memoriam).

## RESUMO

A presente pesquisa buscou efetuar uma análise dos Festivais de Verão que ocorreram em Marechal Deodoro no estado de Alagoas de 1970 até 1972, a abordagem histórica foca nas duas primeiras edições deste importante evento com o objetivo de determinar a orientação ideológica adotada pelos Festivais de Verão. Para chegar a essa finalidade, foram realizadas comparações entre matérias de jornais, bem como, o entrelaçamento de fontes secundárias – aqui entendida como a bibliografia - referentes ao período histórico. Os discursos analisados fornecidos pelas fontes, possibilitaram a identificação dos posicionamentos políticos dos indivíduos, podendo-se traçar uma relação entre esses sujeitos e os Festivais de Verão. Levou-se em consideração, o controle exercido pela ditadura civil-militar, através de meios repressivos como o uso da censura que recaiu sob os periódicos da época, dificultando a livre circulação de informações. Por fim, o problema de pesquisa envolveu o questionamento do posicionamento político-ideológico do evento por meio dos seus envolvidos, como também, a constatação de suas ambiguidades inerentes ao período autoritário.

**Palavras-chave:** Festivais de Verão; Ditadura civil-militar; Censura; Cultura; Marechal Deodoro.

## ABSTRACT

This research sought to analyze the Summer Festivals of 1970 to 1972 in Marechal Deodoro, Alagoas. In order to determine the ideological orientation adopted by these Summer Festivals, the historical approach focuses on the first two editions of this important event. To achieve this goal, comparisons were made between newspaper articles and secondary sources – understood here as bibliographical references – related to the historical period. The analyzed discourses provided by the sources made it possible to identify the political stances of individuals involved, enabling a connection to be established between these individuals and the Summer Festivals. The political control exerted by the civil-military dictatorship through repressive means such as censorship that affected periodicals of that time, hindering the free circulation of information, was taken into account. Finally, the research problem entailed questioning the political-ideological positioning of the Festivals through its organizers, as well as the recognition of its inherent ambiguities during the authoritarian period.

**Keywords:** Summer Festivals; Civil-military dictatorship; Censorship; Culture; Marechal Deodoro.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ARENA - Aliança Renovadora Nacional

CEAL - Companhia de Eletricidade de Alagoas

CETUR - Conselho Estadual de Turismo

CFC - Conselho Federal de Cultura

CPC - Centro Popular de Cultura

DCC - Departamento de Ciências e Cultura

DEC - Departamento Estadual de Cooperativismo

EMATUR - Empresa Alagoana de Turismo

FEMAC - Fundação Educacional do Município de Maceió

IAA - Instituto do Açúcar e do Alcool

IHGAL - Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas

IBC - Instituto Brasileiro do Café

SEMEC - Secretaria Municipal de Estado da Educação e Cultura

UDN - União Democrática Nacional

UFAL – Universidade Federal de Alagoas

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Programação oficial do I Festival de Verão.....	20
Imagem 2 - Cavalhada no I Festival de Verão.....	23
Imagem 3 - Jovens <i>Hippies</i> no I Festival de Verão .....	26
Imagem 4 - Solange Lages (à direita) em contato com o Jornal de Alagoas.....	40
Imagem 5 - Família Lages anunciando o I Festival de Verão .....	44
Imagem 6 - O ex-governador de Alagoas Afrânio Salgado Lages .....	46
Imagem 7 - Marcus Vinicius Pratini de Moraes .....	52

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. AS PRIMEIRAS EDIÇÕES DO FESTIVAL DE VERÃO DE MARECHAL DEODORO (1970-1972) .....</b>	<b>16</b>
2.1. A criação do Festival de Verão de Marechal Deodoro (1970) .....	17
2.2. A presença <i>hippie</i> e a cobertura da imprensa.....	25
2.3. O segundo Festival de Verão (1972).....	28
<b>3. A DINÂMICA DOS VÍNCULOS PESSOAIS: ADESÃO, ACOMODAÇÃO OU RESISTÊNCIA? .....</b>	<b>35</b>
3.1. A família Lages e o surgimento do I Festival de Verão de 1970.....	37
3.2. A presença de autoridades civis e militares nas edições dos Festivais.....	48
<b>4. MELODIA E POLÍTICA: UMA ANÁLISE DOS PERFIS IDEOLÓGICOS DOS MÚSICOS E MUSICISTAS PRESENTES NAS PROGRAMAÇÕES .....</b>	<b>56</b>
4.1. A presença da música Armorial no primeiro Festival de Verão (1970).....	57
4.2. O Coral Universitário de Alagoas no segundo Festival de Verão (1972).....	64
4.3. Sérgio Ricardo, a representação da esquerda no segundo Festival de Verão.....	68
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>76</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A ideia que busquei para este presente trabalho, era de que fosse uma temática que envolvesse o campo da “música” que é uma das paixões da minha vida. No decorrer do curso de História tive algumas ideias do que escrever que houvesse alguma relação com a temática, mas não me deparei com nada que me instigasse o suficiente. No entanto, me foi apresentada pelo professor Anderson Almeida, a temática cultural que faz uma ponte com o que gosto bastante, e me interessei pelo tema por curiosidade inicial. Após a primeira pesquisa percebi que aquela realmente seria a minha temática, e decidi me aprofundar nela. Cada vez que lia a respeito, tinha vontade de pesquisar mais.

Assim como, me senti instigada também pelo período da ditadura civil-militar, principalmente a relação cultural com todos os entraves que esse campo se deparou. Por isso, o presente tema foi importante para mim, pois me possibilitou ter acesso a algo nunca pesquisado no curso, e também me instigou a trabalhar com algo que ainda não tinha tido experiência que foi a pesquisa em jornais, além de ter tido a oportunidade de contribuir para a história de Alagoas de alguma forma. A história alagoana ainda tem muita coisa a ser descoberta, e acredito que eventos como os Festivais de Verão podem ter marcado a vida e a juventude de muitas pessoas.

Dentro das finalidades intencionadas para este presente trabalho, foram necessárias consultas em entes arquivísticos como o Arquivo Público de Alagoas (APA), em que pude consultar o periódico Jornal de Alagoas nos anos de 1970, 1971 e 1972. Assim como, foi intencionado inicialmente, a pesquisa no jornal concorrente Gazeta de Alagoas concomitantemente, que poderia fornecer uma perspectiva diferente a respeito dos Festivais de Verão, porém, a pesquisa enfrentou alguns contratemplos nessa busca. Para ter acesso ao Gazeta, busquei o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL), entretanto, nesse caso, não pude ter acesso aos arquivos por conta de um infortúnio evento na instituição atrelado ao roubo de algumas peças do local, estando o Instituto, naquele momento em situação de interdição para fins de investigação da polícia por tempo indeterminado.

Em outra tentativa, tentei o acesso ao arquivo do próprio Gazeta, mas o local estava em reforma e não tinham estimativa de quando poderia pesquisar, portanto,

por essas questões não foi possível pesquisar nessas fontes em tempo hábil. Entretanto, obtive sucesso nas consultas aos periódicos da Hemeroteca digital que foram de grande importância para este trabalho, dando acesso a variados periódicos como o Diário de Pernambuco, entre outras fontes jornalísticas.

Em relação ao objeto de pesquisa escolhido, não houve autores no campo historiográfico que tenham escrito qualquer trabalho acadêmico em História a respeito dessa temática, busquei fazer o cruzamento de autores que tratam da ditadura civil-militar e os acontecimentos que influenciaram os Festivais de acordo com os jornais consultados e analisados. O autor Rodrigo Patto de Sá Motta utiliza-se de termos conceituais, bem como, Daniel Aarão que trata dos comportamentos sociais diante de regimes autoritários tal como foi a ditadura civil-militar no Brasil.

Em suas obras, Rodrigo Motta busca qualificar em categorias as posturas adotadas pelos indivíduos durante este período mencionado. Em mais de uma publicação, o autor utiliza-se destes conceitos interligando a exemplos práticos para o melhor entendimento do leitor, como em sua produção mais recente, intitulada “Passados presentes, o golpe de 1964 e a ditadura militar” (2021), ou em outra produção de sua autoria “As universidades e o regime autoritário” (2014) que explicam bem essas conjunturas que se entrelaçaram neste período complexo.

Outro autor utilizado foi Marcos Napolitano em sua publicação “1964: história do regime autoritário brasileiro” (2014), cujo objetivo é explicar a conjuntura e as contradições deste período, como a vida intelectual e cultural, a economia ou mesmo as faces que o regime autoritário assumiu em diversos aspectos. Bem como, o autor Zuza Homem de Mello (2003) que traça uma narrativa muito bem elaborada a respeito dos Festivais musicais ocorridos no Brasil, e explica de maneira clara os entraves com a censura e os bastidores desses eventos juntamente com a relação destes artistas participantes com o regime.

É importante mencionar que o período histórico retratado, foi um momento de tribulações para a sociedade brasileira que durou cerca de 21 anos (1964-1985). Após o golpe civil-militar ter se estabilizado e ocasionar o declínio da democracia, as estruturas políticas ficaram abaladas eclodindo em uma dinâmica pouco favorável para aqueles que não concordavam com o regime estabelecido. Uma circunstância que se instaurou onde envolvia o controle social, a repressão, a tortura e a violência foram adotadas pelos que detinham o poder naquele momento. A perseguição de

opositores e o impedimento da livre manifestação de expressão se tornou algo inerente à vida em sociedade.

Outro fator de suma importância que deve ser ressaltado nessas circunstâncias, foi a instauração da censura e o seu desenvolvimento agravante no decorrer dos efeitos do período. Essa característica recaiu principalmente sob os meios intelectuais e culturais. Consistia em impedir a veiculação de ideias opositoras ao Estado e o *status quo* mantido, e este, poderia ser sob qualquer tipo de forma de manifestação, seja expressões artísticas, veiculação de notícias ou qualquer expressão que pudesse ser considerada uma ameaça subversiva e contrária ao Estado autoritário.

No âmbito cultural, surgiram muitos grupos de artistas e intelectuais que buscaram a resistência como forma de posicionamento contrário ao que estava ocorrendo em sociedade, geralmente considerados de esquerda. Variados artistas foram considerados ameaça para o Estado, devido às atitudes rebeldes e críticas sociais tecidas ao regime, muitas vezes de forma velada, visto que a clareza das ideias que levassem a um entendimento errado poderia acarretar em consequências desagradáveis. Sendo perseguidos pelos militares, diversas obras artísticas foram censuradas pelos órgãos de informação e repressão do regime.

O presente trabalho de pesquisa buscou investigar os eventos culturais que ocorreram na cidade de Marechal Deodoro em Alagoas, ao longo dos anos de 1970. Os denominados “Festivais de Verão” foram eventos quase anuais que se passaram durante o período histórico da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), tendo os seus efeitos transpassados em sucessivas edições, bem como, manteve a sua existência de 1970 a 1984, ano este que sua periodicidade encontrou o seu fim natural. É importante salientar que o recorte cronológico definido se restringiu a duas edições do evento (1970-1972). Dada a complexidade que deve se dar a um evento como esse tão longo e com tantas edições, não poderia ser possível resumi-lo apenas dentro dessa pesquisa.

Os efeitos de sua concretização acarretaram um ar diferenciado e uma forma de incentivo ao que seria, para seus organizadores, a valorização da cultura e do patrimônio da localidade. Além disso, buscou-se incentivar a tradicionalidade da cultura nordestina, através da reprodução das tradições culturais populares predominantes, exaltando a importância dos costumes e a sua capacidade de emergir a partir das diversas formas de manifestação. Uma de suas marcas deixadas foi a

união de forças de vários nomes conhecidos no Estado alagoano, artistas e intelectuais que deram um pouco de suas possíveis contribuições para a execução daqueles eventos.

A respeito do problema de pesquisa, provoca-nos refletir e questionar se os eventos explorados de acordo com os seus sujeitos diretos e indiretos, entidades e ocorrências durante a concretização de seus efeitos, poderiam ter tido uma inclinação para uma adesão, acomodação ou resistência mediante a ditadura civil-militar brasileira que era uma realidade consumada naquele momento. O motivo desse estudo remete-se à busca por compreender se houve mecanismos estratégicos adotados pelos membros da organização no que tange às necessárias adaptações e arranjos, dado o contexto histórico envolvido com a censura, o controle ideológico e as manipulações das narrativas e discursos impostos.

O objetivo geral deste trabalho encontra-se em analisar as edições dos Festivais de Verão mencionadas, a fim de identificar a orientação ideológica dos eventos através dos sujeitos e suas relações com as personalidades de poder alinhadas à ditadura civil-militar brasileira, constatando os impactos que uma resistência, acomodação ou aderência ao regime autoritário poderia refletir a dinâmica dos eventos em um plano geral, seja nas relações sociais entre esses indivíduos, quanto às expressões culturais manifestadas.

Os objetivos específicos consistem em delinear o percurso de como se deu a criação e a continuação dos Festivais de Verão de Marechal Deodoro dentro do recorte temporal estabelecido na presente monografia, assim como, analisar quais foram os fatores que levaram os Festivais a terem determinada inclinação ideológica, observando a conjuntura que precipitou as motivações dos sujeitos envolvidos no evento em relação ao regime, como também, averiguar as posições políticas dos artistas participantes, bem como, as suas produções artísticas e as suas relações com a ditadura. Por fim, discorrer sobre as contradições e ambiguidades que podem ter marcado os eventos com relação à cultura, à política e às relações sociais.

A metodologia de pesquisa acolhida no presente trabalho, baseou-se predominantemente na abordagem exploratória, e descritiva como forma complementar. Para a concretização desta, foram analisadas fontes documentais com foco nos jornais da época e o uso de fontes secundárias para fazer elo e a intersecção entre os discursos dos periódicos e os conceitos atrelados a historiografia, e com isso dar sustentação à proposta do presente trabalho. A análise crítica e comparativa das

fontes, foram empregadas levando em consideração o período histórico marcado pela presença da censura. Por fim, os resultados obtidos se darão através do tratamento qualitativo.

No primeiro capítulo será descrito e analisado em um plano geral os eventos envolvendo os Festivais de Verão, traçando a trajetória de como foram se estabelecendo os eventos, quais foram os/as personalidades que integraram a comissão organizadora; os/as participantes do evento; a presença de instituições públicas e privadas na organização; e as atividades executadas em cada edição.

No segundo capítulo o foco recairá sobre os indivíduos que detiveram maior destaque quanto à execução dos eventos, e buscar identificar as suas convicções ideológicas, e sempre que possível, desvelar através dos indícios, as redes e vínculos de sociabilidade. Por fim, o terceiro capítulo é dedicado à análise das personalidades e das obras artísticas do âmbito musical que fizeram parte dos Festivais de Verão conectando e relacionando seus posicionamentos políticos em relação ao regime autoritário militar retratando os indivíduos, sujeitos/as e personagens que apareceram com mais destaque nas fontes consultadas.

## **2. AS PRIMEIRAS EDIÇÕES DO FESTIVAL DE VERÃO DE MARECHAL DEODORO (1970-1972)**

Naquele momento histórico, muitos festivais culturais surgiram em âmbito nacional reunindo artistas e público em eventos que mesclavam categorias culturais diversas, principalmente interligadas ao campo musical. Foram eventos marcados por movimentos artísticos, que muitas vezes buscavam romper com as estruturas que haviam se estabelecido no período, como também, vir a ser fonte de novas ideias e expressões. Os festivais tornaram-se importantes espaços de compartilhamento de novos valores, além de contribuírem para a formação de movimentos culturais. Muitos deles ficaram na história como marcos culturais de seus tempos, influenciando gerações de artistas e público.

Em Alagoas, buscou-se elaborar um evento cultural que alcançou proporções significativas e que teve a sua importância para o estado, especialmente para a antiga capital, Marechal Deodoro. Os Festivais de Verão que ocorreram na década de 1970 – em plena ditadura civil-militar – buscaram concretizar, segundo o noticiário da época, uma atmosfera cultural variada para o povo alagoano, bem como, aos visitantes de outros Estados que vieram para Alagoas prestigiar o evento. É enfatizado que a população de Marechal Deodoro obteve maior benefício com a novidade que se apresentava diante do pequeno município. Nesse sentido, tentaremos argumentar ao longo deste capítulo, como parte expressiva da imprensa defendeu e apoiou a existência dos Festivais, adotando como referência os periódicos Diário de Pernambuco e o Jornal de Alagoas, que realizaram a cobertura jornalística dos eventos.

De acordo com as fontes jornalísticas da época, o surgimento do Festival em Marechal Deodoro, que se expandiu ao longo das suas edições, atraiu políticos, personalidades civis e militares do alto escalão, bem como também, contou com as presenças de artistas de destaque no cenário nacional. Os resultados benéficos que aparecem nas fontes jornalísticas, incluem o progresso econômico e turístico, assim como o aperfeiçoamento de questões como saneamento básico e preservação do patrimônio histórico. A iniciativa dos organizadores do Festival juntamente com Afrânio Lages que manifestou interesse em produzir os Festivais, despertou artistas e

intelectuais para a dita relevância desses eventos para a contribuição da cultura local. Pergunta-se: um evento tão defendido e propagandeado no estado abria espaços para contestações e críticas à política nacional e local em pleno período conhecido como “anos de chumbo”? Ou seja, os anos do general Emílio Garrastazu Médici?

No plano geral, ao analisar especificamente as duas primeiras edições, que ocorreram entre 1970 e 1972, é possível observar a trajetória destes eventos culturais, examinar as relações ocorridas entre os indivíduos envolvidos, averiguar as influências que podem ter atuado sob o evento, bem como a sua possível relação com a política cultural da ditadura civil-militar brasileira. É importante considerar tanto as possíveis contrariedades quanto às conformidades dos indivíduos em relação à ditadura. Logo, o presente capítulo buscará demonstrar a trajetória e as tendências inseridas dentro dos Festivais de Verão que são de suma importância para a compreensão desses eventos.

### 2.1. A criação do Festival de Verão de Marechal Deodoro (1970)

No início da década de 1970, após a intensa atividade cultural dos festivais de música popular ocorridos em todo o país, surgiu em Alagoas, tendo como cenário o município de Marechal Deodoro, a proposta de criação de um Festival de Verão com o objetivo de promover a autoestima dos moradores da antiga capital alagoana e fomentar setores específicos da atividade econômica. A ideia dos organizadores, segundo os periódicos, era revitalizar e preservar as estruturas arquitetônicas históricas da cidade, despertando, através do evento, o interesse das autoridades políticas para o potencial turístico histórico-cultural da então esquecida Marechal Deodoro.

A motivação se deu pelo fato do município de Marechal Deodoro deter um patrimônio histórico e cultural de reconhecida importância, mas que se encontrava em declínio devido à negligência das autoridades locais e entidades públicas na época, resultando em uma conservação precária de suas edificações. Ademais, o município possuía um conjunto arquitetônico que ainda mantém os registros históricos do Brasil, como também, é reconhecida como a cidade natal do Marechal Deodoro da Fonseca.

Quanto à iniciativa do Festival, o primeiro passo para a execução do evento foi dado em uma reunião entre os membros envolvidos e anunciada a sua realização. De acordo com o Diário de Pernambuco<sup>1</sup> (1970), a comunicação se deu durante uma reunião entre os membros dos Diários Associados no Nordeste, ocorrida na casa do professor Afrânio Lages, governador eleito de Alagoas, ainda não empossado, juntamente com o vice-governador eleito Tavares Bastos, até então deputado e presidente da Assembleia Legislativa.

Ainda nessa matéria, consta que o encontro contou com a presença dos jornalistas Nereu Bastos, Wilson Lustosa, Antonio Camelo e Oswaldo Braga. Nessa mesma reunião Lilita Lages anunciou a promoção de um Festival de Verão em Marechal Deodoro na presença dos convidados, Jaime Lustosa de Altavila, Solange Berard Lages, Maria Alice Lages, Alberto Leão Maia, Vania Nobre e André Pereira Leite, cujos três últimos eram universitários.

Por outro lado, quanto à idealização do Festival de Verão, adotando-se como referência o periódico Jornal de Alagoas, vê-se que a responsabilidade pelo surgimento do Festival de Verão em Marechal Deodoro foi atribuída à Solange Berárd Lages, que é mencionada de maneira exclusiva nas matérias deste jornal como a idealizadora do evento, como também, pode ser observado em outros periódicos que divulgaram o evento nacionalmente. Nesse mesmo sentido, a Revista Brasileira de Folclore<sup>2</sup> afirma, “O Festival foi promovido pela Profa Solange Lages e a parte de folclore foi dirigida pelo Prof. Theo Brandão, Pedro Teixeira e Aluísio Galvão.”

Porém, quando nos debruçamos sobre o jornal Diário de Pernambuco, destaca-se a primeira dama Lilita Lages, considerada pelo veículo como a principal promotora do evento e apontada como líder do mesmo, mencionada diversas vezes. E também, é possível observar a presença de outros indivíduos envolvidos no processo de criação e promoção do evento em questão “[...] o I Festival de Verão, promovido por

---

<sup>1</sup> I Festival de Verão de Alagoas. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00281, p. 16, 29 nov. 1970.

<sup>2</sup> Festival de Verão na antiga capital de Alagoas. **Revista Brasileira de Folclore**, Rio de Janeiro, n. 00028, p. 273, set./dez. 1970.

Lilita Lages, e executado por uma turma jovem [...] coordenados pela professora Solange Lages.”.<sup>3</sup>

No evento propriamente dito, nomeado e divulgado como "I Festival de Verão", ocorreu a sua efetiva concretização nos dias 26 e 27 de dezembro de 1970, tendo durado dois dias. O encontro cultural recebeu turistas de várias localidades de Alagoas, inclusive de outros estados do Nordeste, bem como, a presença de indivíduos da Jovem Guarda e de *hippies*. Sendo este último, vindos da Bahia, de Pernambuco e os do próprio estado de Alagoas. Segundo as fontes consultadas, o evento recebeu em torno de dez mil pessoas.

De acordo com o Jornal de Alagoas<sup>4</sup> (1970) houve a elaboração de um cronograma de atividades de cunho cultural, que englobou diversas apresentações e exposições ligadas às tradições e costumes típicos da cultura nordestina. Como também, adotando-se as menções das matérias sobre a programação, pode-se mencionar a presença de bandas musicais locais, a vinda de uma Orquestra de Câmara de Pernambuco ligada ao movimento Armorial, peças teatrais, exposições de arte popular e arte sacra, feira de poesia, feira de música, além da apresentação de folguedos populares, e por fim, a comercialização de obras literárias de autores alagoanos. Nota-se que buscou-se apresentar uma abrangência cultural na oferta do evento.

---

<sup>3</sup> BARROS, Jozzil. Cidade perde a calma no início do Festival. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00304, p. 12, 29 dez. 1970.

<sup>4</sup> PREPARADO o programa do Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 224, p. 1, 12 dez. 1970.

Imagem 1 - Programação oficial do I Festival de Verão



Fonte: Jornal de Alagoas (1970)<sup>5</sup>

Na mesma fonte consultada, consta a informação de que a programação do evento incluiu atividades competitivas que envolveram disputas de medalhas e prêmios, tais como o pau de sebo, corrida de saco, quebra-potes, cavalhadas, corrida de canoa e danças folclóricas, como pastoril, reisado, chegada, guerreiro, baiana, zabumba, toré e bumba meu boi. Tais atividades foram organizadas de acordo com a programação oficial do evento.

No que diz respeito ao investimento realizado para o Festival, teria sido proveniente de fontes como usineiros, indústrias e bancos. Porém, as fontes disponíveis apenas mencionam suas contribuições financeiras sem fornecer detalhes específicos sobre os responsáveis e as quantias doadas individualmente. De acordo com o Diário de Pernambuco (1970) o valor total gasto no festival foi de aproximadamente sete mil cruzeiros, como também, a empresa Philips doou mil e quinhentas lâmpadas, e a distribuição de energia elétrica durante o evento foi realizada pela Companhia de Eletricidade de Alagoas (CEAL).<sup>6</sup>

Embora os organizadores do I Festival de Verão tenham afirmado que não houve investimento direto de recursos públicos no evento, é possível observar a

<sup>5</sup> PREPARADO o programa do Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 224, p.1, 12 dez. 1970.

<sup>6</sup> BARROS, Jozil. Cidade perde a calma no início do Festival. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00304, p. 12, 29 dez. 1970.

participação indireta de membros ligados a entes estatais em sua realização. Tal participação pode ser identificada em reportagens do Jornal de Alagoas e do Diário de Pernambuco, nas quais são mencionadas entidades que contribuíram para a concretização do Festival. Dessa forma, é evidente que houve a participação de entes privados e públicos na promoção do evento, ainda que de maneira indireta, “[...] será o I Festival de Verão de Alagoas, que a futura primeira dama Lilita Lages está promovendo, com a colaboração de todas as entidades do vizinho Estado.”<sup>7</sup>

Conforme anteriormente mencionado, o Festival de Verão contou com a participação indireta de diversas entidades, de acordo com as reportagens do Jornal de Alagoas. Entre elas, destacam-se o Conselho Estadual de Turismo - CETUR<sup>8</sup> que forneceu suporte à promoção do evento, a Cooperativa de Artesanato de Marechal Deodoro<sup>9</sup>, que organizou uma exposição de artesanato para contribuir com o comércio local e a produção cooperativista, o Departamento Estadual de Cooperativismo (DEC)<sup>10</sup>, a Usina Sumauna<sup>11</sup>, responsável pela construção de uma barca para a “chegança” e o Departamento de Ciências e Cultura (DCC) da Secretaria de Estado da Educação e Cultura (SEMEC)<sup>12</sup> também colaboraram com a realização do evento. Outras entidades que se envolveram na realização do festival incluem a Fundação Educacional de Maceió (FEMAC)<sup>13</sup> e o Centro Educativo Laura Leão<sup>14</sup>.

Assim, no que diz respeito à participação dos indivíduos que compuseram a equipe organizadora do evento, os periódicos divergem um pouco sobre os participantes, alguns foram mencionados com frequência e outros esporadicamente. As personalidades que tiveram menções mais enfatizadas foram a colaboração de diversos agentes. Adotando-se o Jornal de Alagoas como fonte, percebe-se, em suas matérias, que estiveram envolvidos Aloísio Américo Galvão e Théo Brandão<sup>15</sup>. Bem

---

<sup>7</sup> ALBERTO, João. I Festival de Verão. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00302, 2º caderno, p. 5, 25 dez. 1970.

<sup>8</sup>PREPARADO o programa do Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 224, p.1, 12 dez. 1970.

<sup>9</sup> FESTIVAL de Verão em Deodoro. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 210, p. 1, 24 nov. 1970.

<sup>10</sup> FESTIVAL de Verão em Deodoro. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 210, p. 1, 24 nov. 1970.

<sup>11</sup> FOLGUEDOS populares. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 211, p. 3, 25 nov. 1970.

<sup>12</sup> ARTE popular exposta no Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 227, p. 1, 16 dez. 1970.

<sup>13</sup> FEMAC colabora com o Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 234, p. 3, 23 dez. 1970.

<sup>14</sup> EXPOSIÇÃO foi ponto forte do primeiro Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 236, p. 1, 25 dez. 1970.

<sup>15</sup> FOLGUEDOS populares. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 211, p. 3, 25 nov. 1970.

como, inseridos na comissão Heliônia Ceres, Lúcia Guiomar e Alberto Leão Maia<sup>16</sup>. A contribuição do Secretário do DCC, Júlio Cesar Maia.<sup>17</sup> E por fim, o artista plástico Pierre Chalita, Getúlio Motta, Luíz Sávio de Almeida<sup>18</sup> e André Pereira Leite<sup>19</sup>. Também foram mencionada as presenças do governador eleito César Cals do Ceará e o governador eleito de Alagoas, Afrânio Lages.<sup>20</sup>

Ademais, segundo o jornal Diário de Pernambuco (1970) houve a contribuição de Afrânio Lages, Lilita Lages, Jaime Lustosa de Altavila, Elias Passos Tenório e José Geraldo Marques.<sup>21</sup> Com isso, se compararmos os periódicos mencionados, nota-se as divergências das menções das figuras envolvidas. Há pessoas mencionadas como importantíssimas em um jornal, enquanto em outro, nem se quer são mencionadas como colaboradores. Exemplo dessas divergências, seria Lilita Lages que recebeu destaque no Jornal Diário de Pernambuco, porém, não se encontra menção alguma sobre essa personalidade no Jornal de Alagoas em relação aos Festivais de Verão.

Adentrando no âmbito das atrações musicais que embalaram o Festival de Verão, temos a presença de participações de nomes mais locais, envolvendo alagoanos e a participação de pernambucanos. Os escalados para o evento foram, a Filarmônica local “Santa Cecília” com Ovídio Galvão, Filarmônica local “Carlos Gomes” com Antonio Paiva, Banda Infantil Deodoro da Fonseca com o Maestro José Ramos e a Banda Infantil Professor Deraldo de Campos<sup>22</sup>, sendo essas, bandas alagoanas. Como também, os pernambucanos como Cussy de Almeida na Direção da Orquestra Armorial de Câmara do Conservatório de Pernambuco de Música apresentando músicas barrocas e músicas armoriais.<sup>23</sup>

---

<sup>16</sup> COMISSÃO do I Festival de Verão apela: façam logo suas inscrições. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 225, p. 1, 13 dez. 1970.

<sup>17</sup> ARTE popular exposta no Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 227, p. 1, 16 dez. 1970.

<sup>18</sup> EXPOSIÇÃO foi ponto forte do primeiro Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 236, p. 1, 25 dez. 1970.

<sup>19</sup> PREPARADO o programa do Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 224, p.1, 12 dez. 1970.

<sup>20</sup> CÉSAR Cals vai fazer Festival no Ceará. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 30 dez. 1970.

<sup>21</sup> I Festival de Verão de Alagoas. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00281, p. 16, 29 nov. 1970.

<sup>22</sup> VISITE Marechal Deodoro no “I Festival de Verão”. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 235, n.p, 25 dez. 1970.

<sup>23</sup> FESTIVAL começou assinalando êxito: Exposição foi ponto forte do primeiro Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 236, p. 1, 27 dez. 1970.

Imagem 2 - Cavalhada no I Festival de Verão



Fonte: Revista O Cruzeiro (1971)<sup>24</sup>

Assim como, foi programada também uma feira de música popular durante os preparativos do festival, porém, não foi possível ocorrer durante o evento, sendo transferido para o dia 2 de janeiro de 1971 na cidade de Maceió, ocorrendo no Teatro Deodoro. De acordo com o Diário de Pernambuco<sup>25</sup> (1970) efetuou-se a feira de música popular a cargo da coordenação de José Geraldo Marques. O Júri foi composto por Hilda Calheiros, Pierre Chalita, Dr. Ismar Gatto, Maria José Andrade, Suzana Andrade, Tereza Braga, Fernando Lopes e Alberto Leão Maia.

Além disso, durante o Festival, houve uma exposição de pintura infantil no antigo Palácio do Governo de Marechal Deodoro, sob a coordenação do pintor Getúlio Motta, e uma exposição de arte popular liderada pelo professor Luiz Sávio de Almeida, de acordo com o Jornal de Alagoas<sup>26</sup> (1970). No entanto, o jornal Diário de Pernambuco<sup>27</sup> (1970) contradiz essa informação, afirmando que Marcelo Teixeira foi o responsável pela coordenação da exposição. Todas as peças apresentadas foram

<sup>24</sup> UM Festival dos Jovens. **Revista O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 0017, p. 140, 28 abr. 1971.

<sup>25</sup> ALBERTO, João. I Festival de Verão. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00302, 2º Caderno, p. 5, 25 dez. 1970.

<sup>26</sup> FESTIVAL começou assinalando êxito: Exposição foi ponto forte do primeiro Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 236, p. 1, 27 dez. 1970.

<sup>27</sup> BARROS, Jozzil. Cidade perde a calma no início do Festival. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00304, p. 12., 29 dez. 1970.

cedidas pelo professor Théo Brandão, provenientes de sua coleção particular. Além disso, a exposição de artesanato alagoano e de outras regiões brasileiras, juntamente com peças portuguesas, também foi realizada no mesmo local.

Segundo o *Jornal de Alagoas*<sup>28</sup> (1970), próximo ao antigo palácio da Prefeitura local, em uma casa particular, foi implantada a exposição de Arte Sacra com cerca de duzentas peças em exposição derivadas da coleção particular do pintor Pierre Chalita. Porém, nas matérias do jornal *Diário de Pernambuco*<sup>29</sup> (1970), é dito que essa exposição ocorreu no Convento São Francisco. Em outro ponto do município, utilizando-se do Convento São Francisco, instalou-se uma exposição de tapetes que foi patrocinada pelo Centro Educativo Laura Leão através de sessenta e três tapetes e derivados fornecidos.<sup>30</sup>

Na área das artes cênicas, de acordo com o *Jornal Diário de Pernambuco*, foi apresentada a peça "Riacho Doce"<sup>31</sup>. Por sua vez, o *Jornal de Alagoas*<sup>32</sup> menciona apenas a apresentação das peças teatrais "Um Erro Judiciário", com o teatrólogo e autor José Ramos liderando um grupo cênico amador de Marechal Deodoro, encenada no pátio interno do Convento de São Francisco, e "O Pagador de Promessas" de Dias Gomes, que, segundo o *Diário de Pernambuco*<sup>33</sup> (1970), seria apresentada por um grupo de universitários liderado por André Pereira e Everaldo Moreira.

No que tange à conclusão do Festival, as publicações jornalísticas que reportaram sobre o evento afirmaram que este foi "um sucesso" e transcorreu sem maiores problemas. No entanto, há inconsistências nessas afirmações, uma vez que foram relatados problemas que ocorreram durante o evento e que não foram abordados de maneira adequada pelos meios de comunicação, como a quase violência contra os *hippies*. Além disso, foram adotadas medidas repressivas pelas

---

<sup>28</sup> FESTIVAL começou assinalando êxito: Exposição foi ponto forte do primeiro Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 236, p. 1, 27 dez. 1970.

<sup>29</sup> ALBERTO, João. I Festival de Verão. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00302, 2º Caderno, p. 5, 25 dez. 1970.

<sup>30</sup> FESTIVAL começou assinalando êxito: Exposição foi ponto forte do primeiro Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 236, p. 1, 27 dez. 1970.

<sup>31</sup> ALBERTO, João. I Festival de Verão. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00302, 2º Caderno, p. 5, 25 dez. 1970.

<sup>32</sup> Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 222, p. 6, 8 dez. 1970.

<sup>33</sup> I Festival de Verão de Alagoas. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00281, p. 16, 29 nov. 1970.

autoridades de segurança pública durante o Festival, que receberam pouca atenção dos jornais. Essa falta de cobertura pode ser atribuída ao temor e à censura que já estava em vigor no país no contexto ditatorial já mencionado.

## 2.2. A presença *hippie* e a cobertura da imprensa

De acordo com o Jornal de Alagoas<sup>34</sup> (1970), havia rumores de consumo de drogas por parte de alguns jovens durante o Festival, que foram referidas como “bolinhas” e “erva do diabo” pelo autor da matéria, além de supostas práticas por parte dos *hippies* presentes no Festival consideradas inaceitáveis, o que gerou reprovação tanto da população quanto das autoridades locais. Embora as matérias do jornal não deixem claro o que realmente aconteceu, é possível tirar algumas conclusões com base no que é afirmado,

[...] Misturando-se com o povo os “caras” mandaram uma “brasa violenta”. Dizem até que houve entre eles farta e franca distribuição de bolinhas e “erva do diabo” [...] na praia do Francês, alguns indivíduos pensavam ser o mar o “açude do Govêrno. Teve bicho que viu o “mundo girar”, seguindo a música de Paulo Sérgio êste cantor “moderninho”. Teve “hippie” que quis voltar aos belos tempos de Adão e Eva. [...] A onda foi “super-quente” e tinha “cara” pensando ser a antiga capital palco de cenários de Sodoma e Gomorra [grafia do original].<sup>35</sup>

Através da análise integrada das informações provenientes do Jornal de Alagoas, bem como das reportagens publicadas no Diário de Pernambuco e no Diário da Tarde, é possível obter uma compreensão mais precisa dos eventos ocorridos, já que o Jornal de Alagoas não explicita, deixando nas entrelinhas. Porém, o que é perceptível de fato nas circunstâncias tanto do preconceito da população para com os *hippies* quanto dos próprios veículos de comunicação para com esse grupo, destaco a forma como se referiram a eles:

---

<sup>34</sup>.TURMA da pesada mandou brasa no Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 5., 29 dez. 1970.

<sup>35</sup> TURMA da pesada mandou brasa no Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 5., 29 dez. 1970.

[...] mais de 80 hippies tomaram banho de rio nús [...] O Grupo Hippie formado de rapazes e moças de todo o Brasil [...] provocando, com suas roupas berrantes e suas barracas mal cheirosas, grande alarido na população.<sup>36</sup>

Apesar da postura pacífica que este grupo geralmente adotava, devido a sua filosofia de vida. Os *hippies* eram uma categoria mal vista pela sociedade na década de 1970, até pela forma livre que viviam. A forma como a imprensa alagoana se referiu aos *hippies* transparece o incômodo com a presença do grupo por meio da carga forte de ironia e sarcasmo direcionados a este grupo. A ideia do senso comum carregava preconceito latente, e partilharam uma opinião de que eram sujos e imorais, ou seja, indivíduos inadequados que saíam do padrão de vida em sociedade.

Imagem 3 - Jovens *Hippies* no I Festival de Verão



Fonte: Diário de Pernambuco (1970)<sup>37</sup>

Segundo o Diário de Pernambuco<sup>38</sup> (1970), alguns *hippies* foram flagrados tomando banho completamente nus na lagoa Mundaú em horário tardio, sendo alvos de investigação por parte das autoridades policiais locais. O Diário da Tarde<sup>39</sup> (1970) enfatizou que com a chegada do grupo de hippies de cerca de 90 pessoas, juntamente com a insatisfação da população local quanto a isso, houve uma tentativa de avanço

<sup>36</sup> HIPPIE banha-se pelado em Alagoas. **Diário da Tarde**, Curitiba, n. 21495, p. 3a, 29 dez. 1970.

<sup>37</sup> BARROS, Joezil. Cidade perde a calma no início do Festival. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00304, p. 12, 29 dez. 1970.

<sup>38</sup> BARROS, Joezil. Cidade perde a calma no início do Festival. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00304, p. 12, 29 dez. 1970.

<sup>39</sup> HIPPIE banha-se pelado em Alagoas. **Diário da Tarde**, Curitiba, n. 21495, p. 3a, 29 dez. 1970.

da população mais revoltada contra os *hippies* e a polícia de Marechal Deodoro teria impedido, não permitindo qualquer agressão com a justificativa de que a presença *hippie* era benéfica para o turismo. O Diário da Tarde também afirmou: "As roupas extravagantes e as aparências fora do tradicional irritaram os moradores mais velhos, que começaram a fazer campanha contra o Festival de Verão."<sup>40</sup>

Além do ocorrido envolvendo os *hippies*, a imprensa também destacou outras ocorrências durante o Festival. Os jornais relatam que a polícia local tomou uma medida mais rigorosa, suspendendo as atividades da boate "Divina Comédia". O motivo, de acordo com o Diário de Pernambuco (1970), foi por atos considerados "imorais"<sup>41</sup>. Além disso, o mesmo periódico também registrou atos repressivos envolvendo a prisão de um estudante de medicina sob a acusação de distribuir panfletos considerados "subversivos".

O Jornal de Alagoas publicou um artigo em que acusa um veículo de comunicação não especificado de "sensacionalismo" em relação à cobertura dos eventos ocorridos no festival. O jornal sugere que o veículo em questão exagerou na divulgação desses eventos "[...] esse aspecto negativo não teve as proporções que certos órgãos de divulgação quiseram dar buscando mais uma vez, o sensacionalismo barato."<sup>42</sup>

Algumas personalidades envolvidas na organização do evento, a exemplo de Solange Lages e do professor Afrânio Lages, emitiram declarações ao Jornal alagoano manifestando sua indignação. Em entrevistas concedidas ao Jornal de Alagoas, ambos demonstraram insatisfação em relação a rumores de que atos negativos teriam marcado o Festival. Segundo Solange Lages, em suas palavras, o festival foi um sucesso e os rumores de escândalos não correspondiam à verdade.

[...] o professor Afrânio Lages que esteve presente ao "Festival de Verão" e não viu os excessos que pessoas mal informadas dizem ter

---

<sup>40</sup> HIPPIE banha-se pelado em Alagoas. **Diário da Tarde**, Curitiba, n. 21495, p. 3a, 29 dez. 1970.

<sup>41</sup> BARROS, Joezil. Cidade perde a calma no início do Festival. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00304, p. 12, 29 dez. 1970.

<sup>42</sup> TURMA da pesada mandou brasa no Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 5., 29 dez. 1970.

ocorrido, acrescentando que até agora nenhuma testemunha ocular dos supostos atos reprováveis apareceu..<sup>43</sup>

Além disso, constatou-se a ocorrência de outro problema durante a realização daquela edição. Na cobertura jornalística, os periódicos destacaram complicadores durante a realização do Festival, que mencionavam a ausência de infraestrutura da cidade para receber o elevado número de visitantes, caracterizada pela insuficiência de elementos essenciais, como alimentos, bebidas e acomodações, capazes de abrigar adequadamente os turistas. Como resultado, muitos restaurantes esgotaram seus estoques e alguns até precisaram encerrar as atividades mais cedo, em virtude da falta de suprimentos para atender à demanda.

Logo, diante da conclusão do evento, subentende-se ser uma referência a Afrânio Lages, já que tinha sido eleito governador pela Assembleia Legislativa, mas que ainda iria assumir o cargo. De acordo com o Diário de Pernambuco<sup>44</sup> (1970) o futuro governador afirmou o desejo de apoiar, a partir do envolvimento dos órgãos públicos, o que seria o próximo festival, com a justificativa de incentivar o turismo no local. E, de fato, a próxima edição do Festival se materializou com o apoio de entidades públicas, por vias oficiais.

### 2.3. O segundo Festival de Verão (1972)

Após a concretização da primeira edição do Festival de Verão em Marechal Deodoro em 1970, foi promovida uma continuação do evento, que deveria ter se materializado no ano seguinte, em dezembro de 1971. Porém, de acordo com o Jornal de Alagoas (1972) por razões não mencionadas, não foi possível efetivar naquele ano, sendo adiado para 1972. O mesmo ano em que a ditadura organizou uma gigantesca programação nacional para as comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil. Ainda, a nomeação de Solange Berard Lages ao cargo de Diretora no

---

<sup>43</sup> CÉSAR Cals vai fazer Festival no Ceará: professor Afrânio condena campanha contra o Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 30 dez. 1970.

<sup>44</sup> BARROS, Jozzil. Cidade perde a calma no início do Festival. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00304, p. 12, 29 dez. 1970.

Departamento de Ciência e Cultura<sup>45</sup> da Secretaria de Educação, ocorrida em março de 1971, contribuiu substancialmente para a efetivação do evento.

A segunda edição do Festival de Verão de Marechal Deodoro foi realizada entre os dias 29 de janeiro e 6 de fevereiro de 1972, apresentando uma programação significativamente mais longa em relação à anterior, com a duração de uma semana. O evento contou com a presença de turistas oriundos de diversas regiões do Brasil, além do retorno de *hippies*. Um fator diferencial foi a participação de senadores, deputados estaduais e federais, autoridades civis, militares e eclesiásticas.

O segundo Festival de Verão apresentou uma novidade em relação à primeira edição. De acordo o Jornal de Alagoas<sup>46</sup> (1972) foi uma promoção do Governo de Alagoas, com a aprovação do Conselho Federal de Cultura, por meio do pedido enviado pelo Conselho Estadual de Cultura através do DCC, além do repasse financeiro ter sido provido pelo Estado. A responsabilidade pela realização do evento foi do DCC.

Apesar disso, de acordo com o Jornal de Alagoas<sup>47</sup> (1972), o Conselho Federal de Cultura não financiou os cursos que foram programados para o Festival contando com um investimento de apenas Cr \$22.100 (vinte e dois mil e cem cruzeiros) para a realização do II Festival de Verão. E, por causa disso, foi decidida a cobrança de pedágios para suprir a falta de verbas, sendo recolhido por volta de Cr \$1 (um cruzeiro) por pessoa que se dirigisse a Marechal Deodoro por meio de transportes aquaviários e Cr \$5 (cinco cruzeiros) para quem chegasse por veículo terrestre.

A segunda edição, contou com a mesma dinâmica do Festival ocorrido em 1970, no que tange às exposições artísticas, as apresentações de danças folclóricas e a presença das bandas musicais locais. Porém, foram divulgadas o que seriam algumas melhorias em suas ofertas de atividades culturais. Foram acrescidas, oficinas e cursos que, segundo o Diário de Pernambuco<sup>48</sup> (1972) a própria Solange Lages

---

<sup>45</sup> Órgão que promoveu o II Festival de Verão em Marechal Deodoro.

<sup>46</sup> FESTIVAL do verão é aprovado pelo Conselho de Cultura. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 24 dez. 1971.

<sup>47</sup> SOLANGE: com repressão o Festival não terá sucesso: a diretora do DCC explicou tudo sobre o Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 21 jan. 1972.

<sup>48</sup> SOUTO, Bernardino. Festival de Marechal Deodoro será aberto no próximo dia 29. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00018, p. 11, 22 jan. 1972.

apontara como uma “falha” da edição anterior e que estava corrigindo naquela edição. Os cursos e oficinas abrangiam as áreas de cinema e música.

Durante a segunda edição do Festival de Verão em Marechal Deodoro, ocorreram diversas exposições e atividades culturais, incluindo arte popular, feira de artesanato, feira de livros com autores alagoanos e a tradicional corrida de canoas. Além dessas atividades, houve a inclusão de novas exposições, como uma exposição fotográfica focada nos monumentos históricos de Alagoas, a Coletiva de Pintores Alagoanos e o Primeiro Salão de Artistas Estreantes. Também ocorreu um concurso de poesia, pintura, escultura e conto. De acordo com o Diário de Pernambuco<sup>49</sup> (1972), a exposição de pintores alagoanos contou com a participação de artistas renomados, tais como Getúlio Motta, Alice Lages, Pierre Chalita e Fernando Lopes.

Ademais, a segunda edição do Festival de Verão contou com a presença de diversas personalidades às quais, ao que parece, estavam bem “acomodados e acomodadas” nos espaços de poder da ditadura, ou seja, na aparelhagem estatal e nos aparelhos privados de hegemonia (GRAMSCI, 2007).<sup>50</sup> Registre-se o destaque nas notícias a personagens como o governador de Alagoas Afrânio Lages, Luiz Cavalcante, Vinicius Cansanção, Elcusa Galvão, Rômulo Galvão, o Reitor [da UFAL] Nabuco Lopes, Guido Santos, Marcus Vinicius Pratini de Moraes, Armando Lages, Lívio Massa de Campos, Manoel de Castro, Esdras Bispo, Alexandre Djukitch, Eduardo Elídio de Lima, Rodrigues de Gouveia, Moyses Benchetrit, Suzana de Moraes, dentre outros.

Segundo o Jornal de Alagoas<sup>51</sup> (1972) também houve a visita de estudantes paulistas que foram convidados pelo Reitor Nabuco Lopes da Universidade Federal de Alagoas que também fazia parte do Conselho Estadual do Projeto Rondon (PR). Aqueles universitários estavam participando da IX operação do PR no interior de Alagoas e acabaram participando do II Festival de Verão, sendo orientados durante a visita ao município pela coordenação estadual do Projeto Rondon.

---

<sup>49</sup> SOUTO, Bernardino. Festival de Verão vai ser encerrado domingo. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00027, p. 11, 2 fev. 1972.

<sup>50</sup> GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

<sup>51</sup> ESTUDANTES do Rondon visitam Marechal em tempo de Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 5 fev. 1972.

Uma das presenças que chama atenção para o Festival foi a vinda do ministro da Indústria e Comércio, Marcus Vinícius Pratini de Moraes que veio ao estado tanto para cumprir agendas burocráticas em Maceió, quanto para a abertura do Festival de Verão de Marechal Deodoro. O ministro de Médici fora convidado pelo governador Afrânio Lages em uma viagem feita anteriormente ao Rio de Janeiro e Brasília.

O Ministro da Indústria e do Comércio, Sr. Pratini de Moraes, vai hoje a Maceió, em companhia do presidente do IAA, General Tavares Carmo e do Presidente da EMBRATUR, Sr. Paulo Protásio, para uma visita de três dias a convite do Governador Afrânio Lages. O Ministro Pratini de Moraes terá uma reunião com empresários alagoanos mas antes irá até Marechal Deodoro, participar da abertura do II Festival de Verão daquela cidade.<sup>52</sup>

Ambos participaram da abertura do evento junto com outras autoridades municipais ao lado de Eduardo Elídio de Lima, Rodrigues Gouveia e Solange Lages. Como também, consta, ainda, que o ministro teria vindo para Alagoas juntamente com Álvaro Tavares do Carmo, Paulo Manoel Protassio e Carlos Alberto Pinto. Segundo o Diário de Pernambuco<sup>53</sup> (1972), esses três últimos também estiveram presentes na abertura do Festival de Verão. E além desses, o periódico afirma que a comitiva do ministro teria ainda sido acompanhada por Hélio de Aguiar Nemésio de Albuquerque, Augusto Wanderley Aguiar e Carlos Max de Andrade<sup>54</sup> em conjunto com mais cinco assessores que não são citados.

As instâncias estatais envolvidas no evento foram o Governo de Alagoas, o Conselho Federal de Cultura, o Departamento de Ciência e Cultura, o Conselho Estadual de Cultura, EMATUR, a Sociedade de Cultura Artística de Alagoas, Motonáutica Lagoa Clube, a Universidade Federal de Alagoas - UFAL, a Prefeitura de Marechal Deodoro e a EMBRATUR. Toda a programação foi elaborada pelo DCC.

Dentro das participações do II Festival de Verão, no âmbito musical, houve a apresentação das quatro bandas locais de Marechal Deodoro, o Coral Universitário de Alagoas interligado a UFAL, regido por Antonio Carlos Plech, o cantor Sérgio

---

<sup>52</sup> POR dentro dos negócios: Expressas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, n. 00252A, p. 16, 29 jan. 1972.

<sup>53</sup> MINISTRO presente ao II Festival do Verão. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00024, p. 11, 29 jan. 1972.

<sup>54</sup> ROSE, Lilian. Festival. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00031, p. 15, 6 fev. 1972.

Ricardo, um recital de Joel Bello Soares e a promessa de que Gilberto Gil viria a se apresentar no Festival. De acordo com o Diário de Pernambuco<sup>55</sup> (1972) a boate “Mercadão de Som” de Marechal, estava tentando trazer o cantor Gilberto Gil para o evento, mas não houve qualquer menção posterior de que o show teria se concretizado.

Uma das participações externas, foi a vinda do Coral do Carmo de Recife. Segundo o Jornal de Alagoas<sup>56</sup> (1972), naquele momento, estavam tendo reconhecimento nacional, já que eram os ganhadores do Festival de Coros do Rio Grande do Sul e foram convidados ao Festival de Verão pela Sociedade Cultura Artística de Alagoas, DCC e o EMATUR.

Em suas atividades culturais ficou programado também, uma exibição cinematográfica, juntamente com um debate sobre cinema com o cineasta Miguel Faria Lima Junior. Ainda, conforme o Jornal de Alagoas<sup>57</sup> (1972) as oficinas de cinema foram ministradas pelos críticos Imanoel Caldas e Gildo Marçal. Além disso, foram oferecidos cursos e oficinas intensivas que incluíram uma oficina de apreciação musical, ministrada pelo pianista Joel Bello Soares, cursos na área de Geografia de Alagoas, ministrado por Ivan Fernandes Lima, e sobre o Folclore, conduzido por Theo Brandão, José Pimentel e Aloisio Vilela.

De acordo com o Jornal de Alagoas<sup>58</sup> (1972) foram realizados os concursos de poesias e de contos, os quais contaram com as presenças - na cerimônia de premiação - do reitor Nabuco Lopes, e ainda, de Solange Lages, Guido Santos e Rodrigues Gouveia. O periódico ainda menciona que a comissão julgadora foi composta por Lêdo Ivo, Maria Dorotheia Carneiro de Melo, Ruy Sampaio, Aurélio Buarque de Holanda e José Maria de Melo. Ainda mais, segundo o mesmo periódico, a ganhadora do primeiro lugar do concurso de poesias foi a professora da Universidade Federal de Sergipe Núbia Marques de Azevedo.<sup>59</sup>

---

<sup>55</sup> SOUTO, Bernardino. Festival de Verão vai ser encerrado domingo. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00027, p. 11, 2 fev. 1972.

<sup>56</sup> CORAL do Carmo no Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 19 jan. 1972.

<sup>57</sup> SOLANGE: com repressão o Festival não terá sucesso: a diretora do DCC explicou tudo sobre o Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 21 jan. 1972.

<sup>58</sup> ENCERRADO o II Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 8 fev. 1972.

<sup>59</sup> Foram conferidos prêmios aos cinco primeiros colocados: Prêmio Graciliano Ramos, em conto, Cr\$ 1 mil; Prêmio Breno Acioli, contos Cr\$ 500,00; Prêmio Jorge de Lima, poesia, Cr\$ 1 mil; Prêmio Jaime

No que diz respeito aos eventos ocorridos durante o festival, há evidências que indicam tentativas de repressão. O Jornal de Alagoas publicou uma matéria que registra uma declaração de Solange Lages, uma das principais responsáveis pela organização do evento, que pode ser interpretada como tal. Embora a matéria em questão não explicita o contexto que motivou essa sua afirmação, em outras publicações anteriores do Jornal de Alagoas, constam declarações de outros envolvidos que permitem inferir os possíveis acontecimentos que levaram à declaração dada por Solange Lages “[...] se houver repressão policial ou coibição excessiva, durante o Festival, não poderá se alcançar o êxito esperado [...]”.<sup>60</sup>

Anteriormente às afirmações de Solange, o Jornal de Alagoas publicou uma matéria a respeito dos boatos sobre a ocorrência de repressão. Segundo o Jornal de Alagoas<sup>61</sup> (1972) o policiamento local declarou a sua surpresa diante das notícias veiculadas de que a SSP<sup>62</sup> teria proibido a abertura das boates em Marechal Deodoro. Porém, o Secretário Lívio Massa de Campos negou o fato, justificando que não houve solicitação para manter aberto o funcionamento da boate durante o evento, “[...] declarou o secretário Livio Massa que não houve qualquer proibição antecipada, mesmo porque não consta da programação recebida por aquela secretaria [...]”.<sup>63</sup>

Diante desses fatos, é possível observar que a SSP tenta se justificar de que não houve tentativa de repressão ao segundo Festival de Verão. No entanto, a justificativa apresentada pela SSP é questionável, sobretudo porque, atos de repressão eram frequentes e por vezes, velados no Brasil sob a ditadura. Apesar disso, de acordo com o Jornal de Alagoas<sup>64</sup>, as boates permaneceram abertas, recebendo visitantes que buscavam opções de entretenimento, como os estabelecimentos "Mercadão do Som" e "Caindo de Charme". Aqueles locais, inclusive, foram os responsáveis por tentar levar Gilberto Gil para o evento.

---

de Altavila, poesia, ... Cr\$ 500,00 e Prêmio Guimarães Passos, poesia, Cr\$500,00. FESTIVAL de Verão em Alagoas. Revista Brasileira de Folclore, Rio de Janeiro, n. 00032, p. 69, jan./abr. 1972.

<sup>60</sup> SOLANGE: com repressão o Festival não terá sucesso: a diretora do DCC explicou tudo sobre o Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 21 jan. 1972.

<sup>61</sup> MASSA diz que a boate do Festival não foi proibida. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 22 jan. 1972.

<sup>62</sup> Secretaria de Segurança Pública.

<sup>63</sup> MASSA reúne Delegados para prevenção durante o Carnaval e Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 7, 26 jan. 1972.

<sup>64</sup> BARBOSA, Milício. Marechal Deodoro vive o clima do Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 1, 30 jan. 1972.

Por fim, a partir da análise dos fatos investigados no presente capítulo, nota-se que os Festivais de Verão foram eventos que objetivaram a diversificação cultural em sua programação e trazer ares artísticos para um município pequeno como Marechal Deodoro. E, de acordo com o que é mencionado nos periódicos, obtiveram sucesso no planejamento e execução do evento, cujo uma gama de indivíduos deste segmento, administraram e participaram das atividades programadas. Pode-se afirmar que as motivações que levaram a contribuição desses sujeitos poderiam ser variadas, mas o interesse cultural e a consciência do que estes eventos representavam para a sociedade alagoana podiam estar presentes fortemente em suas intenções.

Muitos intelectuais como professores, jornalistas e pesquisadores da área cultural, bem como artistas, tiveram um papel importante para a execução do mesmo. Apesar disso, observando-se o perfil das personalidades de poder que poderiam estar envolvidas nos Festivais, pode-se também concluir que os interesses em torno do evento, não seriam apenas contribuir com a cultura local, mas também, a existência de interesses políticos nos bastidores, como será explicado no capítulo a seguir.

### **3. A DINÂMICA DOS VÍNCULOS PESSOAIS: ADESÃO, ACOMODAÇÃO OU RESISTÊNCIA?**

Neste capítulo, o assunto se dará a partir da análise da relação das personagens e personalidades presentes nos eventos e o contexto do período histórico. Com isso, objetiva-se abordar, a partir do entrelaçamento entre as fontes primárias e secundárias, qual teria sido a postura incorporada pelos envolvidos em relação ao regime autoritário, e simultaneamente, identificar sob o uso de alguns termos incorporados pela historiografia para desmistificar e elucidar os comportamentos sociais dos indivíduos quanto a um regime autoritário como foi o que estabeleceu no Brasil. Assim, as tendências que poderiam ter influenciado esses agentes em seus comportamentos sociais.

Nesse contexto histórico, na vida em sociedade, os grupos sociais apresentavam consideráveis divergências de cunho ideológico, as quais ganhavam destaque nacionalmente, e assim como, durante o período que se passaram os Festivais. Com efeito, certos fenômenos foram se arranjando, gerando anomalias nos comportamentos sociais dos sujeitos. Inclusive, uma notável duplicidade no que tange aos posicionamentos dos indivíduos em relação ao regime também foram captados, concedendo uma impressão de contrariedade no jogo político e social, evidenciando-se a complexidade das relações e fazendo-se notar a importância de investigar as suas faces. Deve-se levar em consideração que a diversidade de ideias evocadas pelos sujeitos em suas complexidades, influenciou diretamente a maneira como os Festivais foram projetados e executados.

A historiografia elaborada a respeito de regimes autoritários lidou exaustivamente com a perspectiva da resistência e da colaboração dos sujeitos, diante dos efeitos trazidos pelos atos cometidos inerentes a esses espaços estabelecidos, porém, ao decorrer dos estudos sobre regimes autoritários, notou-se a necessidade de avaliar uma visão que problematizasse melhor as lacunas, já que apenas a perspectiva da resistência e da colaboração não eram suficientes para explicar certas dinâmicas no meio social. Sendo assim, ao lidar com essas questões sociais comportamentais, alguns historiadores utilizaram-se de definições através de termos que fossem além dessa perspectiva e que expusessem da melhor maneira a

complexidade dessas atuações comportamentais ligadas aos sujeitos inseridos nesses contextos autoritários. O uso dos termos como consenso, consentimento ou acomodação poderiam levar a uma compreensão mais precisa desses fenômenos.

Em relação a isso, alguns autores, como Daniel Aarão Reis, que buscaram explorar essa dinâmica através de uma abrangência maior do que apenas lados antagônicos, utilizaram-se de um conceito um pouco mais amplo em sua obra, o *consenso*, cujo autor menciona e o define como,

O conceito de consenso, na acepção com que o emprego para compreender as relações complexas entre sociedades e regimes autoritários ou ditatoriais, designa a formação de um acordo de aceitação do regime existente pela sociedade, explícito ou implícito, compreendendo o apoio ativo, a simpatia acolhedora, a neutralidade benévola, a indiferença ou, no limite, a sensação de absoluta impotência. São matizes bem diferenciados e, segundo as circunstâncias, podem evoluir em direções distintas, mas concorrem todos, em dado momento, para a sustentação de um regime político, ou para o enfraquecimento de uma eventual luta contra esse regime. [...]<sup>65</sup>

Bem como, outros autores como D. Musiedlak, que também explora esse conceito, aplicando-o no contexto do fascismo Italiano. Esses autores buscaram traçar uma importante relação entre esses termos e as condições descritas e analisadas em suas obras com os comportamentos daquelas sociedades naqueles determinados momentos específicos. Essas análises constituem uma importante forma de buscar compreender e identificar as lacunas complexas no que tange às escolhas em horizontes estreitos - adotadas por esses agentes sociais no seu lidar com o autoritarismo vigente nesses espaços.

Sendo assim, ainda pode-se explorar alguns termos utilizados como os da perspectiva de Rodrigo Patto Sá Motta a respeito do comportamento dos sujeitos: denomina-os de adesão, acomodação ou resistência, separando-os em três divisões, colocando-os em espaços que tornam evidente o enquadramento das formas comportamentais manifestadas pelos indivíduos e de como lidaram com os impasses

---

<sup>65</sup> REIS, Daniel Aarão. "A revolução e o socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e construção do consenso". In: Denise Rollemberg e Samantha Vlz Quadrat (orgs). **A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 2010. p. 387.

surgidos durante o regime. De acordo com Motta<sup>66</sup> (2021) a perspectiva da “adesão” pode ser entendida como aqueles que se alinharam aos militares por variadas motivações, mas que convergiam para a afinidade de valores e objetivos. Já a perspectiva da “resistência” seriam os opositores ao regime autoritário, aqueles que rejeitavam o poder que foi estabelecido de cunho opressivo. E por fim, os “acomodados” seriam aqueles sujeitos que não tinham intenção de aderir ao regime, mas que também, não procuravam resistir ao sistema.

### 3.1. A família Lages e o surgimento do I Festival de Verão de 1970

O grupo social que será discutido inicialmente, diz respeito à família Lages, que esteve diretamente envolvida nessas primeiras edições dos Festivais de Verão através de alguns de seus descendentes. Era uma família, cujo os seus membros mantinham um histórico em áreas profissionais como comerciantes, médicos, advogados e militares. Essa dinâmica demonstra que a família possuía recursos financeiros substanciais, pois eram profissões acessadas por aqueles que mantinham um patrimônio familiar considerável, adequados ao padrão que geralmente uma família que possuía algum poder financeiro em Alagoas, detinha.<sup>67</sup> Não apenas isso, mas também, alguns membros foram envolvidos na política e exerceram um papel de reconhecimento no Estado, como o caso de Lily Lages,<sup>68</sup> que, inclusive, recentemente ganhou uma segunda edição da obra biográfica de autoria da própria sobrinha de Lily Lages, a escritora Solange Lages.<sup>69</sup>

---

<sup>66</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Passados presentes**: o golpe de 1964 e a ditadura militar. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 152.

<sup>67</sup> FAMÍLIAS na política alagoana do século XX – (10) Lages. *in*: **História de Alagoas**. Maceió, Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/familias-na-politica-alagoana-do-seculo-xx-10-lages.html>. Acesso em: 20 jun. 2023.

<sup>68</sup> ESPECIAL dia internacional da mulher: Lily Lages, a primeira deputada. *In*: **Assembléia Legislativa de Alagoas**. Maceió, 3 mar. 2020. Disponível em: <https://www.al.al.leg.br/comunicacao/noticias/especial-dia-internacional-da-mulher-lily-lages-a-primeira-deputada>. Acesso em: 1 ago. 2023.

<sup>69</sup> CHALITA, Solange B. Lages. Médica, feminista, deputada, literata. Maceió: **Assembléia Legislativa de Alagoas**, 2021. E-book. Disponível em: <https://www.al.al.leg.br/LIVROLILYLAGES.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2023.

Solange Berard Lages Chalita é uma intelectual que exerceu a profissão de escritora, professora e artista plástica, além de ter assumido cargo público no estado de Alagoas na década vigente do segundo Festival de Verão. E, já no ano do primeiro Festival de 1970, detinha alguns títulos de graduação.<sup>70</sup> Essa personagem aparece nos periódicos entre os nomes dos membros dessa família que estão diretamente ligados à criação dos primeiros eventos dos Festivais de Verão, e foi apontada inúmeras vezes como uma das precursoras e responsáveis pelo evento, principalmente pelo Jornal de Alagoas<sup>71</sup> e o Diário de Pernambuco<sup>72</sup>. Casou-se com o falecido pintor Pierre Chalita que também esteve presente na organização dos Festivais de Verão como colaborador e artista atuante.<sup>73</sup>

A relação de Solange Lages e a ditadura civil-militar, pode ser observada da perspectiva social, levando-se em consideração os vínculos de sua família e toda a complexidade envolvida nas relações em um regime autoritário, dado o histórico do meio que no qual a família Lages estava inserida com antepassados e membros envoltos nos segmentos políticos e militares. Pode-se afirmar que a influência de sua família exerceu um papel importante na formação dos seus valores e convicções. A conjuntura de fatores como os vínculos pessoais e familiares, além do modo como os sujeitos e grupos sociais enfrentaram os fatos ocorridos no regime demonstram, sem dúvida, qual segmento o indivíduo teria tendências.

No caso de Solange Lages, por ser uma artista e intelectual, facilmente teria o potencial de relacioná-la aos grupos dos artistas intelectuais engajados contra o regime e considerá-la opositora, porém, seria uma conclusão precipitada, visto que, de acordo com Napolitano,

Criou-se uma relação quase automática entre ser intelectual socialmente reconhecido como tal e ser de oposição. Talvez

---

<sup>70</sup> CHALITA, Solange Berard Lages. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 6 fev. 2009. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1471622912117754>. Acesso em : 22 ago. 2023.

<sup>71</sup> BARROS, Jozzil. Cidade perde a calma no início do Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, p. 30 dez. 1970.

<sup>72</sup> BARROS, Jozzil. Cidade perde a calma no início do Festival. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00304, p. 12, 29 dez. 1970.

<sup>73</sup> SILVA, Enaura; Bomfim Edilma. **Dicionário: mulheres de Alagoas ontem e hoje**. Maceió: Edufal, 2007. p. 375-376.

possamos questioná-la a partir de uma análise ampla e rigorosa dos fatos, posto que havia muitos intelectuais a serviço da ditadura [...]”<sup>74</sup>

Há alguns fatores que dão indícios da sua predisposição ideológica à adesão ao regime, visto que para um ator social ser adepto, geralmente, como diz Motta<sup>75</sup>, “[...] a motivação era tanto a afinidade com os valores ou com os temores dos golpistas quanto apego a cargos e vantagens.” Portanto, baseando-se em seus vínculos e nos feitos do Festival de Verão que no mínimo, se não fosse declaradamente adepta, Solange Lages estaria envolta em um estado de acomodação, situação que, por vezes os indivíduos, optaram por manter a neutralidade por variados motivos, mas que geralmente buscava não sofrer as consequências de uma possível impressão de oposição ao regime e os seus efeitos negativos acarretados por tal postura, como Motta também afirma,

Pessoas que não desejavam aderir, por não partilhar os valores dominantes, mas que também não tinham intenção de resistir frontalmente ao Estado autoritário - por medo da punição ou por achar inútil - buscaram estratégias de conviver com ele, inclusive como forma de reduzir os efeitos da repressão. Desse ponto de vista, tratava-se de explorar possibilidades abertas pelo próprio regime autoritário para atenuar o autoritarismo aproveitando as “brechas” disponíveis, sobretudo as oferecidas por paradoxos e contradições da ditadura.<sup>76</sup>

Devido às posturas ambíguas assumidas pelos sujeitos em vários momentos no decorrer da ditadura civil-militar, determinar qual posição um indivíduo de fato adotou é complexa, pois isso estaria atrelado diretamente aos seus valores e ideologias aceitas por cada um, além dos seus interesses pessoais. Diante disso, um estado de acomodação advindo desta intelectual, poderia ter gerado uma circunstância em que Solange Lages teria visto uma oportunidade de gerar um relevante evento cultural - Festivais de Verão - em dado momento, utilizando-se de benefícios trazidos pela conveniência da influência de sua família.

---

<sup>74</sup> NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime autoritário brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014. cap. Letras em rebeldia: intelectuais, jornalistas e escritores de oposição. E-book.

<sup>75</sup> MOTTA, Rodrigo P. Sá. **As universidades e o regime autoritário**: cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. cap. 7. E-book.

<sup>76</sup> MOTTA, Rodrigo P. Sá. **As universidades e o regime autoritário**: cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. cap. 7. E-book.

Entretanto, no caso de Solange Lages, o histórico de seu meio social, a sua proximidade a pessoas de poder no estado, como usineiros, bancários e industriais, atores sociais esses, de grande poder aquisitivo atrelados às elites do estado alagoano faz com essa perspectiva seja questionada. Esses atores que contribuíram para o primeiro Festival em 1970 que foi concretizado graças a esses auxílios particulares através da mediação de Solange Lages, conforme apontou o periódico *Jornal de Alagoas*<sup>77</sup>, torna-se difícil associá-la a uma simples situação de acomodação, apesar de não se ter encontrado uma clara declaração de sua aceitabilidade à ditadura.

Imagem 4 - Solange Lages (à direita) em contato com o *Jornal de Alagoas*



Fonte: *Jornal de Alagoas* (1970)<sup>78</sup>

Além disso, através desses fatores, alguns questionamentos podem ser efetuados, observando-se que Solange era uma jovem professora e também não seria uma pessoa comum no estado. Com essas características, destaca-se o feito de ter tido o auxílio financeiro de membros de entidades particulares, subentendendo-se que

<sup>77</sup> BARROS, Joezil. Cidade perde a calma no início do Festival. *Jornal de Alagoas*, Maceió, p. 8, p. 30 dez. 1970.

<sup>78</sup> I FESTIVAL de Verão em Marechal Deodoro. *Jornal de Alagoas*, Maceió, n. 206, p. 1, 22 nov. 1970.

para isso, seria necessário ter a credibilidade, conhecimento social e a persuasão para obter a confiança e os recursos necessários de sujeitos de alto poder aquisitivo como estes para efetuar um empreendimento custoso financeiramente como foi a primeira edição, sem a ajuda do Estado.

Portanto, como teria sido possível conseguir tais recursos? A resposta provavelmente está em seu sobrenome e, obviamente, no conhecimento de sua família que poderia ter viabilizado os vínculos necessários que tornou isso concretizável. Além de que, Solange também era filha de José Lages Filho que apesar de não ter tido histórico político, foi um médico conhecido e renomado no Estado de Alagoas e que carregava méritos que para época, eram vistos com prestígio. E como alguns desses feitos vindos de seu pai, o portal História de Alagoas afirma,

Ocupou a cadeira nº 10 do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, sendo empossado em 23 de março de 1968. Assumiu a presidência do IHGAL de 2 de dezembro de 1970 a 17 de novembro de 1983. Foi também membro do Conselho Estadual de Cultura. <sup>79</sup>

Como é observado, poucos dias após o seu pai assumir uma cadeira no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas - IHGAL, ocorreu o I Festival de Verão em Marechal Deodoro, ou seja, ambos os fatos ocorreram no mesmo mês e ano. Abrindo margem para estabelecer-se uma possível relação entre esse ocorrido com a concretização bem sucedida do evento daquele ano. Ainda assim, apesar das convicções humanas poderem ser dissociadas das suas raízes no decorrer da vida de um indivíduo, talvez este não seja o caso, principalmente levando-se em consideração as fortes ideologias conservadoras e autoritárias que pairavam nos ares daquele momento histórico.

Nessa conjuntura, seria inapropriado, dizer que Solange Lages seria parte da resistência alagoana ao regime autoritário, dado às pessoas vinculadas a essa personalidade, além daquelas figuras que se apresentaram no Festival que eram assumidamente adeptas ao regime e participativas ativas, como a presença das duas personalidades eleitas pelos golpistas na primeira e segunda edição, e de militares em junção ao Ministro, o militar Álvaro Tavares do Carmo (Presidente da IAA), o

---

<sup>79</sup> FAMÍLIAS na política alagoana do século XX – (10) Lages. *in*: **História de Alagoas**. Maceió, Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/familias-na-politica-alagoana-do-seculo-xx-10-lages.html>. Acesso em: 20 jun. 2023.

Coronel Carlos Max (secretário do Presidente do IAA) e assessores que marcaram presença em 1972<sup>80</sup>. Concomitantemente, o fato do evento também não ter apresentado características de qualquer tipo de resistência ou atos de oposição acarreta indícios fortes de tendências a adesão e alinhamento à ditadura civil-militar e seus ideais.

Um fato de suma importância a ser expressado, é que Solange Lages também era sobrinha do professor e advogado Afrânio Lages, cujo currículo já tinha um histórico conservador na política alagoana e especificamente, a esposa de Afrânio, Elia Lages iria ser uma das promotoras do primeiro evento, assim como Afrânio teve um “acompanhamento” nos bastidores de ambas as edições.<sup>81</sup> Sendo assim, essa filiação poderia ter aberto os caminhos para uma maior influência e credibilidade da escritora perante os doadores “generosos” ao Festival. Dessa forma, torna-se palpável de se entender, que se Solange fosse apenas uma escritora comum alagoana, o ato de conseguir tal apoio e confiança de usineiros e afins, bem como, em conjunto com outros agentes, conseguir realizar - em conjunto - um evento de tal magnitude, seria de fato, complexo.

Além disso, “coincidentalmente” esse fato se deu quando o seu tio e marido de Elia Lages ou como era chamada de Lilita Lages, que igualmente estava proporcionando o evento, foi nomeado Governador do Estado. Segundo o Diário de Pernambuco<sup>82</sup> (1971), quando Solange assumiu o cargo de Diretora do DCC da Prefeitura de Maceió, ao mesmo tempo, ocorreram as posses de Afrânio Salgado Lages e Tavares Bastos, nessa ordem, como o governador e vice-governador do Estado de Alagoas pela Assembleia Legislativa de Alagoas. Ressalta-se, mais uma vez, que eram eleições indiretas.

Esse fenômeno poderia indicar uma possível relação entre a entrada de Solange Lages em um cargo público e estatal, e às suas tendências a adesão ao regime autoritário, bem como é dito por Motta entrelaçando sobre os dirigentes das universidades públicas, mas que poderia ser aplicado ao demais serviços públicos

---

<sup>80</sup> ROSE, Lilian. Festival. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00031, p. 15, 6 fev. 1972.

<sup>81</sup> I Festival de Verão de Alagoas. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00281, p. 16, 29 nov. 1970.

<sup>82</sup> SOUTO, Bernardino. Ex-prefeito vai saudar os novos governantes do Estado. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00049, p. 12, 2 mar. 1971.

também, Motta<sup>83</sup> menciona, “[...] se tratava de pessoas que ocupavam funções públicas por indicação do próprio regime [...] cabia ao governo escolher um nome para a função.” Em detrimento disto, o caso de Solange Lages poderia indicar que, assim como o seu tio, poderia ter sido colocada neste Departamento por questões de confiança e adesão ao regime, visto que era sobrinha de um adepto como Afrânio Lages, portanto, tinha credibilidade perante os militares.

A nomeação de Solange Lages para o cargo de Diretora do Departamento de Ciências e Cultura da Secretaria de Educação e Cultura de Alagoas<sup>84</sup> poderia ter sido um dos fatores que afetou a continuação e regularidade do evento anual, causando um atraso em sua execução, já que este fator, possibilitou uma programação mais arrojada com um maior número de atividades, demandando maior necessidade de tempo de planejamento e a provável burocracia no trâmite dos recursos, visto que foi a edição que teve o auxílio oficial de recursos do Estado, pode ter influenciado este fato. Segundo o Jornal de Alagoas<sup>85</sup> (1971) o Departamento de Ciência e Cultura, entrou com solicitação de aprovação e repasse de recursos para o Conselho Federal de Cultura, através do Conselho Estadual de Cultura para o segundo Festival de Verão e o governador Afrânio Lages, envolveu-se pessoalmente e, através da sua influência, adiantou os recursos para a execução do evento. Demonstrando-se assim, a união de forças entre Solange e Afrânio para a realização do evento.

Além de Solange Lages, outro integrante da família Lages que desempenhou importante participação direta na criação e organização do primeiro Festival de Verão foi Elia Porto Lages<sup>86</sup> ou mais conhecida como Lilita Lages. Igualmente, a relação de parentesco de Solange Lages com Elia se deriva do vínculo comum estabelecido por meio de Afrânio Lages, uma vez que Solange Lages é filha de José Lages Filho e Sonia Berard Vanderlei, irmão e cunhada de Afrânio Lages, respectivamente, sendo

---

<sup>83</sup> MOTTA, Rodrigo P. Sá. **As universidades e o regime autoritário: cultura política brasileira e modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. cap. 7. E-book.

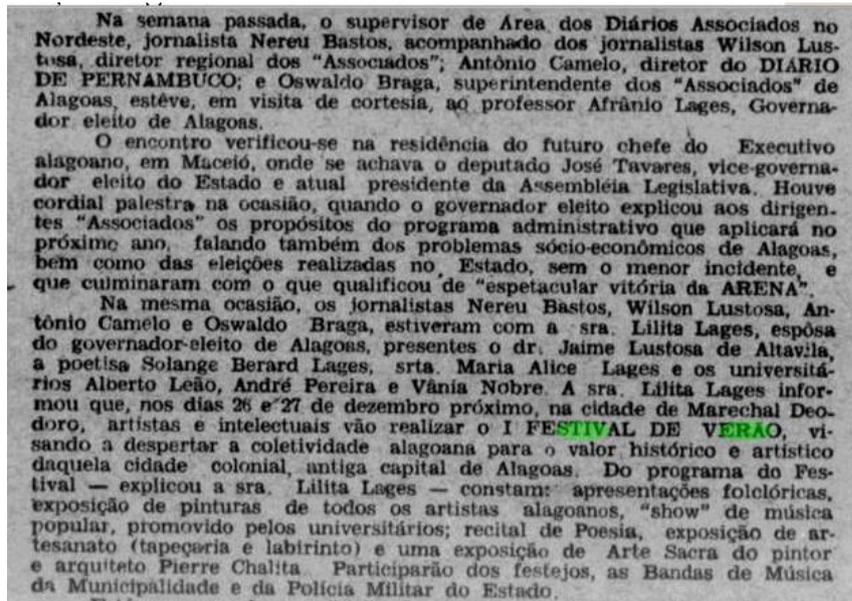
<sup>84</sup> SOUTO, Bernardino. Festival de Marechal Deodoro será aberto no próximo dia 29. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00018, p. 11, 22 jan. 1972.

<sup>85</sup> FESTIVAL do verão é aprovado pelo Conselho de Cultura. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 24 dez. 1971.

<sup>86</sup> TÊM novos Governadores. **Diário de Natal**, Natal, n. 09080, p. 11 a, 15 mar. 1971.

Afrânio, portanto, o tio de Solange.<sup>87</sup> Segundo o Diário de Pernambuco<sup>88</sup> (1970) houve um trabalho em equipe de Lilita e sua sobrinha, Solange, para a execução do I Festival de Verão de Alagoas ocorrido em 1970.

Imagem 5 - Família Lages anunciando o I Festival de Verão



Fonte: Diário de Pernambuco (1970)<sup>89</sup>

Apesar das poucas informações encontradas na presente pesquisa a respeito especificamente desta personalidade e considerando a relação matrimonial existente na época entre Elia e Afrânio e a declarada adesão de seu cônjuge ao regime autoritário, pode-se inferir o alinhamento de Elia Lages ao regime também, visto que é razoável argumentar a afirmativa de haver afinidades ideológicas entre cônjuges, levando-se em consideração a década de 1970. Frequentemente, as relações familiares através da afinidade de valores, poderiam se espelhar em conexões políticas, não necessariamente tendo o homem – no sentido patriarcal e das masculinidades hegemônicas - como protagonista. Além disso, o círculo social de

<sup>87</sup> FAMÍLIAS na política alagoana do século XX – (10) Lages. in: **História de Alagoas**. Maceió, Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/familias-na-politica-alagoana-do-seculo-xx-10-lages.html>. Acesso em: 20 jun. 2023.

<sup>88</sup> DAQUI e ali. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00303, p. 9, 27 dez. 1970.

<sup>89</sup> I Festival de Verão de Alagoas. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00281, p. 16, 29 nov. 1970.

ambos, cujo os periódicos denunciavam, eram praticamente os mesmos, ou seja, saturado de membros da elite alagoana. Portanto, a análise desses indícios sugere fortemente que o casal compartilhava de uma inclinação política convergente.

Uma evidência concreta do forte elo dessa família ao autoritarismo vigente está nas publicações sobre o casamento de Alice Maria Porto Lages com Carlos Romero Lessa Lustosa Cabral, um dos herdeiros de Wilson Lustosa, o Diretor Regional dos Diários Associados, cuja cerimônia matrimonial ocorrera meses depois do segundo Festival de Verão. Alice Lages é descendente do casal Elia e Afrânio Lages. Segundo o Diário de Pernambuco<sup>90</sup> (1972), os recém-casados receberam uma carta assinada pessoalmente pelo então presidente militar da época Emílio Garrastazu Médici dando as felicitações pelo casamento. Esse fato revela a proximidade das relações da família com as autoridades militares do alto escalão político. Como também, outro fator que o periódico revela é o meio social destes, já que os convidados foram membros da alta sociedade alagoana na época.

O ex-governador de Alagoas Afrânio Salgado Lages teve um peso relevante no que tange aos Festivais de Verão. No decorrer de seu histórico pessoal foi uma personagem que seguiu a linha do conservadorismo como representante político alagoano. Afrânio Lages foi vice-líder da bancada do partido conservador União Democrática Nacional (UDN) de Alagoas em 1962, partido este, que era constituído pelas elites brasileiras. Acrescentando a isso, conjuntamente, era membro do Diretório Regional do partido da Aliança Renovadora Nacional (ARENA).<sup>91</sup> E, por fim, anteriormente ao cargo de governador de Alagoas, já tinha sido deputado e senador. Ou seja, era uma personalidade bem conhecida no meio político que teve a sua ligação com o fascismo, incluindo uma profunda relação com a militância integralista.<sup>92</sup>

---

<sup>90</sup> ALBERTO, João. O grande acontecimento do ano em Alagoas. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00186, p. 7, 6 ago. 1972.

<sup>91</sup> TÊM novos Governadores. **Diário de Natal**, Natal, n. 09080, p. 11 a, 15 mar. 1971.

<sup>92</sup> FAMÍLIAS na política alagoana do século XX – (10) Lages. *in*: **História de Alagoas**. Maceió, Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/familias-na-politica-alagoana-do-seculo-xx-10-lages.html>. Acesso em: 20 jun. 2023.

Imagem 6 - O ex-governador de Alagoas Afrânio Salgado Lages



Fonte: Jornal de Alagoas (1970)<sup>93</sup>

Escancaradamente, Afrânio compartilhava de valores e ideais alinhados aos interesses militares, era um declarado adepto ao regime, sendo eleito indiretamente pelos golpistas em 1971, nomeado Governador do Estado de Alagoas.<sup>94</sup> Como afirma o Diário de Pernambuco,

[...] o governador Lamenha Filho conversou, apenas, três minutos com o presidente Médici, sobre a sucessão. Melhor dizendo: ouviu do chefe da nação a sua definição para Afrânio Lages [...] O governador poderá ter no candidato Afrânio Lages um continuador de sua obra de pacificação do Estado. Desenvolvimentista, ligado aos grandes grupos empresariais do Estado, o escolhido do presidente Médici sempre mostrou interesse em desenvolver o setor industrial notadamente o do açúcar [...]<sup>95</sup>

A participação de Afrânio Lages nos Festivais ocorreu por meio de ações atreladas à sua influência e poder, em forma de apoio e colaboração aos Festivais. O periódico Diário de Pernambuco descreve a relação de Afrânio Lages com o segundo Festival de Verão como um “entusiasta e incentivador”<sup>96</sup>. Portanto, o interesse genuíno do governador em facilitar a realização do Festival pode ter sido

---

<sup>93</sup> AFRÂNIO condena campanha contra o Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 30 dez.1970.

<sup>94</sup> 22 GOVERNADORES tomam posse hoje: eis alguns dados biográficos sobre os novos governadores. **Diário da Noite**, São Paulo, n. 13890, p. 4, 15 mar. 1971.

<sup>95</sup> LAMENHA: ato e fato indiscutíveis. **Diário de Pernambuco**, Recife, n.00156, p. 9, 3 jul. 1970.

<sup>96</sup> FESTIVAL. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00031, p. 15, 6 fev. 1972.

fundamentada na exaltação do governo militar em relação ao progresso econômico e, mais particularmente, associado ao fenômeno do "milagre econômico". A partir de 1970, esse fator ocorrido atingiu níveis de grande entusiasmo por parte de seus adeptos. Napolitano afirma,

A este momento recessivo, seguiu-se a exuberância do "milagre econômico" ou "milagre brasileiro", amplamente capitalizado pelo governo Médici, dourando os anos de chumbo do regime. Entre 1969 e 1973, o Brasil cresceu a uma taxa média de 11% ao ano, chegando a quase 14% em 1973. Mas a conjuntura de crise internacional, após o aumento de preços do petróleo quase no final deste ano, fez o governo, mais do que a sociedade, despertar da ilha de fantasia capitalista propiciada pelo milagre. A crise revelava a fragilidade financeira e a dependência brasileira dos insumos básicos da economia, como o petróleo.<sup>97</sup>

Ainda, nesse sentido, essa associação entre o turismo e o governo vigente, pode ser observado no periódico *Diário de Pernambuco*<sup>98</sup> (1972) que afirmou que Afrânio Lages estava completando o seu primeiro ano como governador e executava o seu "Plano de Desenvolvimento" em variadas áreas e setores de Alagoas. Um desses investimentos se deu no âmbito do turismo e o mesmo periódico, afirmou,

[...] A criação da Empresa Alagoana de Turismo foi uma das mais felizes iniciativas do Governo, pois serviu para integrar Alagoas no contexto da política nacional do turismo, pela qual o Governo Central tem manifestado o mais profundo interesse [...] E como consequência deste despertar e conscientização nacional para a importância do turismo, tivemos o êxito do Festival de Verão de Marechal Deodoro [...]<sup>99</sup>

De acordo com o *Diário de Pernambuco*<sup>100</sup> (1972) após a execução do segundo Festival de verão de 1972, ainda no mesmo ano, o governador Afrânio Lages, anunciou a implantação do turismo no estado alagoano com a criação da Empresa Alagoana de turismo - EMATUR, além do investimento direcionado em vários empreendimentos para estimular o setor. O governador incluiu também uma recomendação sugerida por Pratini de Moraes sobre a construção de hotéis de grande porte em Alagoas. Essas são manifestadas ações que demonstraram o interesse do

<sup>97</sup> NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime autoritário brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014. cap. Nunca fomos tão felizes: o milagre econômico e seus limites. E-book.

<sup>98</sup> AFRÂNIO Lages: um governo voltado para o seu futuro. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00061, p. 1, 15 mar. 1972.

<sup>99</sup> TURISMO: Afinal, uma descoberta. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00061, p. 1, 15 mar. 1972.

<sup>100</sup> A FORÇA do Oásis: Investimento e Turismo. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00220, p. 7, 16 set. 1972.

governo Estadual em conjunta ação do governo de Médici, em investir na expansão econômica que era característica desse momento da ditadura civil-militar.

Por fim, a partir dos fatores mencionados, do fator do histórico da família, o ex-governador Afrânio Lages ser um adepto, bem como, tendo a sua esposa Lilita Lages como uma supervisora dos Festivais. E de forma colaborativa, a personalidade de Solange Lages atuando conjuntamente em uma postura de considerável adesão ou acomodação nos eventos dos Festivais, pode-se afirmar que as intenções a respeito desses eventos detiveram fortes indícios de alinhamento aos ideais do regime.

### 3.2. A presença de autoridades civis e militares nas edições dos Festivais

Após o desencadeamento do golpe executado pelos militares, a sociedade se encontrava afetada pela fragmentação dos grupos sociais, alguns apoiaram e aderiram veemente o regime autoritário, unindo forças e contribuindo em seus objetivos por razões próprias e que a depender do seu meio social, poderiam acarretar em motivações diferentes uns dos outros, mas que, no entanto, compartilhavam dos mesmos propósitos. Destaca-se que, a maioria das autoridades que estiveram presentes nos Festivais de verão estavam intimamente associadas a ditadura, os considerados adeptos declarados, apesar de alguns serem de categorias diferentes como políticos civis ou políticos militares. Nesse sentido, havendo a clara contribuição aos interesses do regime, segue-se a ideia de provável adesão. Nesse sentido em relação aos “adeptos”, Motta diz,

[...] ocorreram também muitas adesões nos segmentos político, judiciário, policial e militar. Nesses grupos a motivação era tanto a afinidade com os valores ou os temores dos golpistas quanto o apego a cargos e vantagens. Os fatores ideológicos pesaram mais nas instituições que tinham valores direitistas arraigados, especialmente as militares. Porém, mesmo entre os militares o oportunismo deixou sua marca, pois alguns só tomaram posição em 1964 quando tiveram certeza de quem venceria. Aliás, pode-se incluir aqui uma subcategoria: a dos adesistas, pessoas que aderiram sem convicções

políticas mas com grande entusiasmo para apoiar o lado “certo”, o dos vencedores.<sup>101</sup>

Como pode-se observar, os motivos para a “adesão” podem ser variados com a possibilidade de serem grupos advindos de locais adversos, no entanto irrompem para apenas um objetivo nos fins, o atendimento de seus interesses particulares que o regime poderia proporcionar. Nesse sentido, nas redes de sociabilidade dessas personalidades que compareceram aos Festivais, tanto de 1970 quanto de 1972, nota-se a presença de autoridades políticas civis adeptas ao regime, e principalmente militares. Alguns que detinham altos cargos inseridos no governo. Dessa forma, a relação manifestada entre esses indivíduos convidados e os sujeitos que fizeram parte da organização dos eventos, enquadraria como “amigável e receptiva”. A falta de qualquer formato explícito ou implícito de oposição ou protesto, seja nas manifestações artísticas no evento, quanto pela falta de registros de ações de cunhopositor por parte de organizadores, atesta a adesão ou no mínimo em alguns casos específicos, talvez a denominada acomodação.

Logo, o que se percebe, é um notório clima de tranquilidade entre essas categorias e os de membros da organização. A proximidade constante de uma das organizadoras à frente do evento ao lado dessas personalidades, como o caso de Solange Lages na abertura do segundo Festival de Verão, transparece de fato, esse clima de alinhamento.<sup>102</sup> Na edição de 1972, houve a presença política tanto da esfera alagoana, quanto de outros estados e também da esfera federal com um número muito maior desses indivíduos. O aval do estado, já que de acordo com o Diário de Pernambuco<sup>103</sup> (1972) era um empreendimento promovido pelo governo do Estado, somado a outros órgãos organizadores e, igualmente, o repasse de recursos do Conselho Federal de Cultura advindo diretamente de Artur César Ferreira Reis devido ao pedido pessoal de Afrânio Lages<sup>104</sup>, já atestaria este fator.

---

<sup>101</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Passados Presentes**: o golpe de 1964 e a ditadura civil-militar. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 154-155.

<sup>102</sup> MARECHAL vive o clima do Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 1, 30 jan. 1972.

<sup>103</sup> II Festival de Verão em Mal. Deodoro. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00023, p. 11, 28 jan. 1972.

<sup>104</sup> FESTIVAL do verão é aprovado pelo Conselho de Cultura. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 24 dez. 1971.

Adotando como referência o primeiro Festival, o governador eleito do Ceará, César Cals de Oliveira Filho, foi o primeiro militar de outro estado a comparecer ao evento. Segundo o Diário de Pernambuco (1971) César tinha formação militar e chegara ao posto de Coronel, tendo sido eleito pela Assembleia Legislativa do Ceará, filiado ao ARENA<sup>105</sup>. Assim como o civil Afrânio Lages em Alagoas, foi um dos 22 governadores eleitos pelas Assembleias Legislativas de seus estados, ou seja, de forma indireta. Em 1971, quando assumiu o cargo de governador, César expôs as suas intenções de governo e suas inclinações em suas próprias palavras na revista O Cruzeiro,

Estamos empenhados em realizar um govêrno inteiramente voltado para o homem, identificado com as diretrizes traçadas pelo Presidente Médici. Todos os nossos planos e atos serão cumpridos com firmeza, amor e consciência: firmeza de quem conhece os caminhos do dever e da disciplina, amor de cearense pelo seu Estado e sua gente e, acima de tudo, consciência de brasileiro participante das decisões do grande momento histórico da Nação.<sup>106</sup>

É importante ressaltar que em 1970 inserido no âmbito político, persistia a dinâmica do bipartidarismo. Nesse contexto, o partido oficial designado para representar os interesses do regime autoritário era a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e em contrapartida a este, o partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que por sua vez, agrupavam-se os indivíduos em oposição ao regime vigente. As eleições para governadores, ocorriam de forma indireta, eram escolhidos aqueles que estivessem comprometidos com as metas e ideais do regime autoritário, Napolitano afirma,

O AI-3, em fevereiro de 1966, completa a obra: estabelecem-se eleições indiretas para governadores e nomeação para prefeitos das capitais. Em março surgiram a Arena (Aliança Renovadora Nacional) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), os partidos de situação e oposição (consentida).<sup>107</sup>

---

<sup>105</sup> SERPA, Egídio. Cals discute com a ARENA nomes de seus secretários. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00007, p. 12, 9 jan. 1971.

<sup>106</sup> CEARÁ nova esperança de César Cals. **O Cruzeiro: Revista**, Rio de Janeiro, n. 0014, p. 75, 7 abr. 1971.

<sup>107</sup> NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime autoritário brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014. cap. O mito da “ditabranda”. E-book.

A presença de um dos governadores eleitos, como César Cals em Marechal Deodoro, e inclusive as suas impressões do Festival, afirmou que o governador do Ceará naquele momento se dizia inspirado pela iniciativa alagoana com tal evento e prometeu fazer o mesmo em seu estado. Não há menção a nenhuma oposição em relação a sua presença, tanto do público quanto dos bastidores do evento, transparecendo a característica adesão ou acomodação ao regime político autoritário. Nesse sentido, em uma conversa com Solange Lages, o coronel César Cals no evento.<sup>108</sup> O Jornal de Alagoas afirmou,

A ideia de fazer um Festival nos moldes do nosso Ceará não foi passageira no Coronel César Cals. Antes de regressar a Maceió, o futuro chefe do executivo cearense palestrou com a Professora Solange Lages confirmando o seu interesse nessa realização.<sup>109</sup>

Além disso, entre as personalidades presentes no segundo Festival de Verão de 1972, pode-se nomear o economista e civil Marcus Vinicius Pratini de Moraes, ministro da Indústria e Comércio do governo do general Médici naquele momento. De acordo com o Jornal de Alagoas<sup>110</sup> (1972) o ministro compareceu convidado pelo governador de Alagoas à época, Afrânio Lages. O convite foi oficializado durante uma viagem do governador de Alagoas conforme já destaquei no capítulo anterior.

No histórico de Pratini de Moraes, antes de se tornar o ministro da Indústria e Comércio, já havia tido relações importantes com os militares. De acordo com o jornal Correio Braziliense<sup>111</sup> (1969) era parte do governo anterior, do também general Costa e Silva. Durante esta gestão anterior ao de Médici, Pratini mantivera um cargo de Chefe da Assessoria Econômica da Presidência da República. De acordo com O Jornal<sup>112</sup> (1969), Pratini foi um dos agraciados com “A Ordem do Mérito” que foram concedidas a várias personalidades pelo presidente Costa e Silva antes de deixar o governo. Ainda, outro periódico também mencionou esse fato “[...] O presidente Costa e Silva conferiu a Ordem de Honra de Mérito Militar a várias personalidades civis e militares [...] e Marcus Vinicius Pratini de Moraes, Chefe da Assessoria Especial do

---

<sup>108</sup> CÉSAR Cals vai fazer Festival no Ceará. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 30 dez. 1970.

<sup>109</sup> CÉSAR Cals vai fazer Festival no Ceará. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 30 dez. 1970.

<sup>110</sup> FESTIVAL de Verão terá a presença do ministro. **Jornal de Alagoas**, p. 1, 27 jan. 1972.

<sup>111</sup> SOCIAIS de Brasília. **Correio Braziliense**, Brasília, n.02859, p. 3a, 13 abr. 1969.

<sup>112</sup> ORDEM do Mérito a Dias Leite e Calmon. **O Jornal**, Rio de Janeiro, n.14681, p. 3, 8 ago. 1969.

Presidente da República.”<sup>113</sup> Essa condecoração seria redirecionada aos cidadãos que são considerados prestadores de relevantes serviços ao Exército.<sup>114</sup>

Imagem 7 - Marcus Vinicius Pratini de Moraes



Fonte: Câmara dos Deputados<sup>115</sup>

Já no decorrer do governo do general Médici foi nomeado como Assessor Especial, e logo após, ingressou com um cargo de Diretor do Instituto Brasileiro de Café - IBC. Entretanto, Pratini foi exonerado e nomeado, no mesmo mês, como o novo ministro da Indústria e do Comércio por Médici, por causa da saída inesperada de Fábio Yassuda. Assumiu o cargo em 1970, um pouco antes da primeira edição do Festival de Verão de 1970, permanecendo no cargo até 1974, fixado no posto durante o mandato do presidente militar em questão. É notável a preferência por Pratini de Moraes pelo ex-presidente Médici, sendo promovido duas vezes com tal rapidez dos fatos.

---

<sup>113</sup> MÉRITO militar a Calmon. **Correio Braziliense**, Brasília, n.02959, p. 3a, 8 ago. 1969.

<sup>114</sup> BRASIL. **Decreto nº 24.660, de 11 de julho de 1934**. Cria a ordem do mérito militar. Brasília, DF: Presidência da República, 1934. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1930-1949/D24660.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D24660.htm). Acesso em: 18 ago. 2023.

<sup>115</sup> PRATINI de Moraes: Biografia. In: Câmara dos Deputados. Brasília. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/65505/biografia>. Acesso em: 14 set. 2023.

[...] Logo após acolher o pedido de demissão do sr. Yassuda, o presidente Médici nomeava o sr. Marcus Vinicius Pratini de Moraes para ministro da Indústria e Comércio [...] vinha ocupando o cargo de chefe da Assessoria Especial do presidente. Na semana passada fora nomeado para diretor do IBC, mas não chegara a se empossar no posto.<sup>116</sup>

A chegada de Pratini de Moraes ao cargo de ministro da Indústria e do Comércio agradou intensamente alguns dos apoiadores do regime autoritário. Os industriais paulistas expressaram com naturalidade a satisfação diante da nomeação do novo ministro. De acordo com o *Jornal*<sup>117</sup> (1970) as declarações do presidente dos industriais paulistas reafirmaram o seu voto de confiança no novo ministro, e que acreditava que o novo encarregado, seguiria o cronograma dos seus antecessores caminhando dentro das linhas dos ideais almejados pela “revolução”. Sabe-se que os empresários eram considerados fortes apoiadores dos militares. O termo “revolução” mencionado pelos industriais, é característico nos discursos dos adeptos. Nesse sentido, Motta<sup>118</sup> afirma, “[...] uma das formas de perceber a adesão à ditadura é observando a linguagem, e, naturalmente, em geral quem se referia a ela como “revolução” pertencia ao campo favorável [...]”.

De acordo com o *Diário de Pernambuco*<sup>119</sup> (1972) o ministro Pratini de Moraes em visita ao estado de Alagoas, dirigiu-se a assuntos ligados ao âmbito econômico com intenções de socializar com o empresariado alagoano do setor da agroindústria açucareira. O ministro veio acompanhado de sua equipe, juntamente com o general Álvaro Tavares do Carmo<sup>120</sup> e Paulo Protásio<sup>121</sup>. Nota-se, com base nas declarações dadas aos jornais, o interesse do ministro, no que tange às possibilidades de investimento no turismo no estado alagoano. Dessa forma, bem como o governador Afrânio Lages, a criação dos Festivais de Verão ocorridos em Marechal Deodoro, estariam sendo vistos como uma potente fonte para este propósito pelo Ministro,

---

<sup>116</sup> DECLARAÇÃO do Nôvo Ministro tranqüiliza setor cafeeiro. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 04383, p. 5, 24 fev. 1970.

<sup>117</sup> LIMA, Marcelo Correia. Indústria paulista manifesta sua confiança no nôvo titular do MIC. **O Jornal**, Rio de Janeiro, n.14853, p. 3, 1 mar. 1970.

<sup>118</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Passados presentes**: o golpe de 1964 e a ditadura militar. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 153.

<sup>119</sup> MINISTRO presente ao II Festival do Verão. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00024, p. 11, 29 jan. 1972.

<sup>120</sup> Presidente do Instituto de Açúcar e Alcool - IAA.

<sup>121</sup> Presidente da Empresa Brasileira de Turismo - EMBRATUR.

[...] o ministro chamou a atenção do governador Afrânio Lages para as fontes de riquezas aqui existentes, e disse, apontando para o mar: “Esse mar terá que faturar dólares.” Enfatizou que o turismo no Nordeste pode e deve constituir importante fonte de riquezas. Notou o visitante a ausência de bons hotéis em Maceió e ao governador do Estado aconselhou a construção de um hotel de alto porte em numa das praias [...]<sup>122</sup>

Outra personalidade que se deve levar em consideração, é o general Tavares do Carmo. O militar ostentava diversas condecorações e assumiu em 1970 - antes da execução do primeiro Festival de Verão e bem antes de sua visita a segunda edição do evento - a presidência do Instituto de Açúcar e Álcool - IAA empossado pelo ministro Pratini de Moraes<sup>123</sup>. Foi nomeado pelo presidente Médici, assim como Pratini de Moraes, e seus interesses eram também alinhados aos dos militares golpistas.

Assim, Tavares do Carmo foi outra autoridade política ligada aos militares com o perfil de adepto ao regime, como fica evidente nesse perfil elogioso publicado no periódico Luta Democrática: “[...] Presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, cidadão justo e patriota, a quem o Presidente Médici, em honra de feliz inspiração confiou a presidência daquele Instituto [...]”.<sup>124</sup> Como também, constata-se que Tavares do Carmo era bem visto pelo empresariado do setor da agroindústria. Em outra ocasião específica, ocorrida um pouco depois de sua participação no segundo Festival de Verão, Tavares atendeu aos pedidos do Rio Grande do Norte em 1972, em detrimento de uma crise de açúcar sofrida no Estado e, por isso, recebeu o título de cidadão honorário pelos serviços prestados à agroindústria açucareira daquele estado.

[...] o Deputado Grimaldi Ribeiro destacou o trabalho que vem realizando frente ao I. A. A. de modernizador das atividades específicas que coordena, identificado com os objetivos da Revolução de Março de 1964 [...].<sup>125</sup>

Adquirir o apoio do empresariado era importante, pois representava um dos grupos sociais que teve um peso considerável no decorrer do regime autoritário. Esse

---

<sup>122</sup> SOUTO, Bernardino. Inaugurado ontem o II Festival do verão. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00025, p. 24, 30 jan. 1972.

<sup>123</sup> PRATINI dá posse ao presidente do IBC. **Cidade de Santos**, Santos, n. 00911, p. 3, 27 fev. 1970.

<sup>124</sup> DESAJUSTAMENTO. **Luta Democrática**, Rio de Janeiro, n. 05685, p. 3, 7 jul. 1972.

<sup>125</sup> GRIMALDI elogia presidente do I. A. A. **Diário de Natal**, Natal, n. 09634, p. 5a, 12 ago. 1972.

grupo era considerado adepto ao regime por diversos motivos. Segundo Motta<sup>126</sup> (2021) poderia ser desde expectativas econômicas, afinidades ideológicas ou o próprio objetivo do regime em investir no crescimento econômico. Igualmente, após assumir o seu cargo no Instituto do IAA, declarou os seus objetivos diante de sua função. De acordo com o Cidade de Santos<sup>127</sup> (1970) afirmou que após assumir, iria seguir rigidamente as diretrizes da política econômica do governo de Médici e que se esforçaria para o desenvolvimento proposto pelo governo. Dessa forma, não há dúvidas do porquê de Tavares do Carmo foi escolhido para o cargo.

Logo, a presença de indivíduos ligados aos grupos de apoio ao regime autoritário, principalmente membros atrelados ao Estado, detentores de cargos políticos de alta hierarquia, conjuntamente com a família Lages que alicerçou os caminhos para a criação dos Festivais de Verão com toda a sua influência política e no meio social, não deixam muitas dúvidas sobre qual inclinação dos Festivais se voltaram. Por fim, o enfoque do capítulo posterior terá uma dinâmica semelhante, mas terá por foco a análise das manifestações culturais ligadas aos Festivais de Verão e os seus envolvidos, levando-se em consideração as relações que os produtores das artes tiveram com relação ao regime autoritário.

---

<sup>126</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Passados presentes**: o golpe de 1964 e a ditadura militar. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 153.

<sup>127</sup> POLÍTICA do açúcar tem novo comando. **Cidade de Santos**, Santos, n. 00912, p. 4, 28 fev. 1970.

#### **4. MELODIA E POLÍTICA: UMA ANÁLISE DOS PERFIS IDEOLÓGICOS DOS MÚSICOS E MUSICISTAS PRESENTES NAS PROGRAMAÇÕES**

Por volta de 1970, em detrimento das adversidades enfrentadas em sociedade graças aos acontecimentos da política nacional transcorridos no mesmo período dos Festivais de Verão, deve-se mencionar que parte do campo cultural colidia substancialmente com as políticas adotadas pela ditadura. Sendo esse - o fazer cultural – uma das práticas mais afetadas, principalmente nessa fase do regime, visto que a partir de 1968, após a instauração do Ato Institucional nº 5, a censura se intensificou nos meios culturais e intelectuais, estendendo-se durante os anos 1968 – 1978.

Por se tratar de Festivais de cunho cultural, as atividades inseridas foram elaboradas de maneira que abrangesse variadas possibilidades de categorias do campo da cultura. A forte presença da tradicionalidade nordestina é bem evidente nas performances descritas pelos periódicos. Essas tradições culturais manifestaram-se em formas de danças e músicas folclóricas características da região nordeste apresentadas nos eventos, tal como foram descritas no primeiro capítulo deste trabalho. Assim como, as categorias que envolvem música, cinema, teatro, artes plásticas e literatura - além de atividades competitivas com direito a prêmios e homenagens - também se fizeram presentes no evento.

Apesar disso, em virtude da gama de possibilidades a serem analisadas sobre as edições do Festival de Verão, o foco do presente capítulo, em específico às atrações musicais. O enfoque será dado às personagens consideradas de maior relevância para a finalidade do problema da presente pesquisa. Dessa forma, será averiguado o elo dos sujeitos artistas que marcaram presença nos eventos e as suas relações com o regime autoritário. Sendo assim, neste capítulo o objetivo se dará por meio da análise dessa relação através da verificação do impacto que essas influências contextuais externas, poderiam ter gerado ou não, ao trabalho artístico por estes exercidos no mencionado período. Além de observar a linha ideológica e, se necessário, as relações sociais desses indivíduos que foram mantidas com o regime autoritário vigente à época.

No campo da música, portanto, é importante frisar que ambas as edições foram marcadas pelas presenças alagoanas e pernambucanas. No entanto, essas edições tiveram as suas diferenciações. No primeiro Festival de Verão como foi realizado com orçamento baixo, percebe-se que as apresentações se mantiveram em um nível mais local predominando às apresentações das bandas musicais da cidade, popularmente conhecidas como filarmônicas. A única presença externa de Alagoas se deu com a Orquestra Armorial de Câmara de Pernambuco. Contudo, o segundo Festival de Verão manteve a presença das bandas locais e, conjuntamente, buscou uma abrangência maior com apresentações de Corais, como o Coral local Alagoano pertencente à Universidade Federal de Alagoas e o Coral do Carmo de Recife, além da presença do pianista alagoano Joel Bello Soares e por fim, o cantor popular nacionalmente reconhecido Sérgio Ricardo.

Essa diferenciação na variação de apresentações de um Festival para o outro, se deu por causa da maior elaboração do evento com o envolvimento do Estado e dos recursos orçamentários cedidos também, dando maior capacidade para o evento de várias formas, e também no que diz respeito aos artistas considerados externos ao estado alagoano. Nesse sentido, o capítulo buscará focar nas relações desses indivíduos no que diz respeito à forma como lidaram com as problemáticas surgidas no âmbito cultural inseridos no regime autoritário, período este, considerado delicado para alguns artistas.

#### 4.1. A presença da música Armorial no primeiro Festival de Verão (1970)

Em 1970, inserido no campo das atrações ofertadas pela primeira edição dos Festivais de Verão de Marechal Deodoro, apresentou-se um grupo que faziam parte de um movimento cultural que havia se erguido alguns meses anteriores ao evento, uma Orquestra Armorial convidada pertencente ao Conservatório de Música de Pernambuco e vinculada à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É mencionado no Jornal de Alagoas, que a apresentação da orquestra se deu no

Convento São Francisco em Marechal Deodoro.<sup>128</sup> Esse grupo se destacou como uma das apresentações focadas na erudição musical interligada às raízes culturais nordestinas, o conteúdo de sua performance se deu através de amostras de músicas barrocas e músicas Armoriais. De acordo com o cronograma oficial do evento, a Orquestra de Câmara se apresentou no dia 26 de dezembro.<sup>129</sup>

A Orquestra de Câmara, como era conhecida oficialmente, fazia parte do movimento Armorial. Essa tendência cultural que dominou o campo intelectual e das artes, teve a sua origem em 1970 no estado de Pernambuco. Foi um movimento idealizado por Ariano Suassuna, que visava a valorização da cultura popular, mais especificamente a cultura nordestina.<sup>130</sup> Os traços desse movimento atingiram múltiplas áreas da cultura, teatro, música, literatura, artes plásticas, entre outras, tendo a aceitação de muitos intelectuais e artistas. O objetivo de Suassuna era elaborar uma gama cultural artística que valorizasse as “chamadas” raízes culturais nacionais, sobretudo as nordestinas. Essa nova forma cultural mesclou os elementos do erudito e do popular.<sup>131</sup> Dessa forma, o Diário de Pernambuco afirmou, “Assinalou o autor de “A Compadecida” que o movimento armorial fundamenta-se no barroco de origem ibérica e na arte popular nordestina, segundo Suassuna, os dois grandes suportes brasileiros da cultura nacional [...]”<sup>132</sup>

O dramaturgo Suassuna, também foi o responsável por empregar a palavra Armorial ao novo movimento.<sup>133</sup> A explicação de Suassuna à respeito da denominação pode ser vista no Diário de Pernambuco a partir das próprias palavras do dramaturgo, “[...] compreende um conjunto de brasões, bandeiras e insígnias de um povo [...] a preocupação é a de procurar “uma arte brasileira erudita fundamentada nessas heráldicas raízes populares, sejam no Sertão, da Mata, do litoral ou da

---

<sup>128</sup> FESTIVAL começa amanhã. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 235, p. 1, 25 dez. 1970.

<sup>129</sup> PREPARADO o programa do Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 224, p.1, 12 dez. 1970.

<sup>130</sup> MAXIMIANO Campos lança um novo livro no dia 11. **Diário de Pernambuco**, Recife, n.00132, p. 3, 10 jun. 1971.

<sup>131</sup> MARTINS, Ademar. Ariano em Campina contesta críticos: movimento armorial. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00063, p. 11, 17 mar. 1972.

<sup>132</sup> ARIANO Suassuna defende preservação de arquitetura. **Diário de Pernambuco**, Recife, n.00246, p. 13, 20 out. 1970.

<sup>133</sup> QUARTETO Armorial se apresentará em igreja. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00269, p. 10, 21 nov. 1971.

cidade.”<sup>134</sup> Na Obra, “Ariano Suassuna, um perfil biográfico”, as autoras buscam descrever melhor o que o idealizador do “armorial” dizia sobre o significado da palavra,

[...] Para o criador do movimento, se ‘armorial’ era um nome usado para definir um conjunto de insígnias, brasões, estandartes e bandeiras de um povo, aqui, entre os brasileiros, a heráldica era, então, uma arte popular. Porque ele sempre defendeu que ‘a unidade nacional brasileira vem do Povo, e a Heráldica popular brasileira está presente, nele, desde os ferros de marcar bois e os autos dos Guerreiros do Sertão até as bandeiras das Cavalhadas e as cores azuis e vermelhas dos Pastoris da Zona da Mata’.<sup>135</sup>

É importante atentar-se ao idealizador e criador do movimento que foi o renomado dramaturgo e teatrólogo, responsável pela autoria de diversas obras, sendo uma delas – O Auto da Compadecida – muito popular em âmbito nacional, principalmente após a produção da Rede Globo de Televisão, em 1999. Além disso, o dramaturgo possuía profunda afinidade com o meio cultural, e mais particularmente se direcionava para temáticas relacionadas ao Nordeste com ênfase na cultura regional. Nesse sentido, o histórico de Suassuna em cargos atrelados ao Estado, geralmente eram voltadas para esse segmento. Por isso, manteve cargos como o de diretor do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco.<sup>136</sup> Bem como, Ariano também foi um membro fundador e assumiu cargo no Conselho Federal de Cultura (CFC) – inserido em uma das divisões - a Câmara de Artes - durante a ditadura civil-militar com a posse em 1967.<sup>137</sup>

De acordo com o Diário de Pernambuco<sup>138</sup> (1971) o movimento armorial recebeu auxílio do Governo, do Conselho Federal de Cultura e da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Na mesma Universidade, a partir da parceria com o Conservatório de Música de Pernambuco originou-se a Orquestra Armorial de Câmara que se apresentou no primeiro Festival de Verão tendo Cussy de Almeida como

<sup>134</sup> MOVIMENTO armorial. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00110, p. 18, 14 mai. 1972.

<sup>135</sup> VICTOR, Adriana; LINS, Juliana. **Ariano Suassuna: um perfil biográfico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. cap. 3. E-book.

<sup>136</sup> LEAL, César. Arte e literatura nordestina: novo ritmo com Ariano Maciel e da Paz. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00102, p. 5, 3 mai. 1970.

<sup>137</sup> MAIA, Tatyana de Amaral. **Cardeais da cultura nacional: o Conselho Federal de Cultura e o papel civil militar (1967 1975)**. 2010. 194 f. Tese (Doutorado em História Política) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. p. 24. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/13032>. Acesso em: 29 set. 2023.

<sup>138</sup> PONZZO, Humberto. Orquestra Armorial uma nova etapa da música. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00146, p. 14, 27 jun. 1971.

maestro. Em virtude disso, pode-se inferir que havia aprovação advinda do Estado ditatorial em relação ao movimento armorial. O fato de Ariano Suassuna também ser integrante do Conselho Federal de Cultura,<sup>139</sup> pode ter contribuído substancialmente para facilitar a liberação de recursos com maior fluidez. Logo, pode-se inferir que do ponto de vista do governo central, culturalmente falando, o movimento não representava uma ameaça para o regime estabelecido.

Ariano Suassuna também se posicionou com certa criticidade em relação à cultura de massa, pois justificava a perda da identidade cultural nacional como consequência desta, a partir do momento que houvesse uma predominância da cultura estrangeira sob a cultura nacional, se contrapondo à interferência estrangeira que ocorria na arte brasileira da época, tal como a Tropicália que absorvia de certa forma, esses elementos estrangeiros em suas expressões artísticas. O Diário de Pernambuco afirmou, “[...] uma ação de âmbito nacional, em um contínuo esforço para a captura de uma expressão legitimamente brasileira, distanciada dos valores cosmopolitas e do espírito de vanguarda dominante [...]”.<sup>140</sup> Em uma entrevista concedida ao Diário de Pernambuco, Suassuna afirmou que existem mal entendidos quanto ao seu propósito no que tange ao movimento armorial, afirmou ao Diário,

[...] O pessoal pensa que eu acho que o Brasil deve se fechar contra as influencias de fora. Não. Depende de como vem a influencia. O que eu quero é fortalecer o tronco da cultura brasileira, porque então o que vem de fora, em vez de ser uma influencia que nos esmague, passa a ser uma incorporação que nos enriquece [...].<sup>141</sup>

A iniciativa de Ariano Suassuna com a criação do movimento armorial se tornou um destaque nacional e influenciou variados campos das artes, pois levantava o debate do exagero quanto à absorção cultural de fora, quase como uma substituição à cultura nacional. Bem como, incentivou o retorno à valorização do regional e do Nordeste. Esse movimento buscou trazer uma reflexão sobre a valorização do nacional. Dessa forma, é importante considerar a perspectiva do criador do

---

<sup>139</sup> LEITÃO, C. Entrevista com o escritor Ariano Suassuna. **Políticas Culturais em Revista**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 152, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/3196>. Acesso em: 9 set. 2023.

<sup>140</sup> LEAL, César. Exposição. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00278. p. 5, 2 dez. 1971.

<sup>141</sup> BRENNAND, Francisco. Monarquia é um sonho que Ariano quer ver realidade. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00022, p. 6, 27 jan. 1972.

movimento, assim como, as suas intenções junto a este, pois este fator pode evidenciar de forma considerável o propósito do movimento e os seus impactos em um momento político como o que estava sendo vivenciado em sociedade naquele contexto.

Inseridos dentro do movimento armorial, o campo da música foi representado inicialmente pelo Quinteto Armorial que tocou pela primeira vez, ainda em 1970, e posteriormente, surgiu a denominada Orquestra Armorial de Câmara. Sobre a primeira aparição musical do movimento Armorial, ainda como Quinteto Armorial, Adriana Victor afirma,

[...] a catedral de São Pedro dos Clérigos [...] Foi nesse patrimônio brasileiro que aconteceram, no dia 18 de outubro de 1970, um concerto e uma exposição de artes. O evento foi chamado de 'Três Séculos de Música Nordestina: do Barroco ao Armorial'. Era ali anunciada a estreia de um movimento artístico e cultural no país: o Movimento Armorial.<sup>142</sup>

Nesse sentido, inseridos naquele contexto, para tornar real o propósito do movimento musical, o grupo aprofundou-se em estudos e pesquisas sobre a musicalidade nordestina, até o movimento emergir concretamente. Segundo o Diário de Pernambuco<sup>143</sup> (1972) o "Quinteto" - como nesse momento é nomeado por Ariano - era composto por universitários que pesquisavam sobre a música advinda de violeiros e cantores, que após esse processo de pesquisa, mesclavam com o erudito.

Em relação aos compositores envolvidos, o movimento Armorial no campo da música teve a contribuição de vários músicos compositores, os nomes envolvidos foram variados como: Guerra Peixe, Cussy de Almeida, Jarbas Maciel, Clóvis Pereira, Capiba, Antônio Carlos Nóbrega de Almeida, Antônio José Madureira e José Generino de Luna.<sup>144</sup> Adotaram-se o padrão sonoro tendo por referência as formas musicais utilizadas no Nordeste, as características sonoras do modo de entoar dos cantadores populares ou mesmo o modo de tocar dos "violeiros" da regionalidade. Somando-se a

---

<sup>142</sup> VICTOR, Adriana; LINS, Juliana. **Ariano Suassuna: um perfil biográfico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. cap. 3. E-book.

<sup>143</sup> MARTINS, Ademir. Ariano em Campina contesta críticos: movimento armorial. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00063, p. 11, 17 mar. 1972.

<sup>144</sup> ARIANO Suassuna defende preservação de arquitetura. **Diário de Pernambuco**, Recife, n.00246, p. 13, 20 out. 1970.

isso, agregavam-se as músicas de estilo barroco que trazia uma estética erudita. De acordo com o Diário de Pernambuco<sup>145</sup> (1970) aproveitava as características musicais ligadas às tradições culturais como o bumba-meu-boi, maracatu, pastoril, entre outros.

Em relação à escolha dos instrumentos musicais a serem utilizados, também eram avaliados em suas características sonoras aqueles que gerassem o tipo de som que fosse caracteristicamente nordestino. E ainda, até o modo de tocar dos instrumentistas tiveram que ser estudados pelos instrumentistas para se aproximar do modo como os nordestinos, violeiros e cantadores executavam a sua arte, que se dava de forma bastante característica desse segmento cultural.<sup>146</sup> Por isso, foram utilizados os mesmos instrumentos usados por tocadores das regiões predominantemente relacionadas ao movimento armorial e ao Nordeste. Segundo o Diário de Pernambuco<sup>147</sup> (1972) Suassuna menciona o detalhamento dos instrumentos utilizados que eram compostos instrumentalmente por uma viola ibérica (violão), rabeca (violino), flauta (pífano), viola sertaneja e o marimbau nordestino.

A visão que Suassuna idealizava para a música armorial dizia respeito a que no futuro começasse a serem feitas composições puramente brasileiras armoriais, livres da influência europeia em suas composições originais, inclusive com uma nova forma de montar e executar as “orquestras”. Segundo o Diário de Pernambuco<sup>148</sup> (1972) Suassuna é questionado sobre o motivo que foi apresentado apenas em formato de orquestras de câmara ao invés de orquestras sinfônicas, e explica que seria o tipo de orquestra que mais estava alinhado com a realidade nordestina, em virtude dos grupos musicais serem compostos de poucas pessoas. Ainda, argumenta que há alguns receios como a tendência a trazer traços europeus para as composições em caso de orquestras maiores.

No que diz respeito ao posicionamento político e ideológico de Suassuna, foi dado uma declaração, afirmou ao Diário de Pernambuco, “[...] eu sou católico ortodoxo

---

<sup>145</sup> ARIANO Suassuna defende preservação de arquitetura. **Diário de Pernambuco**, Recife, n.00246, p. 13, 20 out. 1970.

<sup>146</sup> LEAL, César. Arte e literatura nordestina: novo ritmo com Ariano Maciel e da Paz. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00102, p. 5, 3 mai. 1970.

<sup>147</sup> MARTINS, Ademar. Ariano em Campina contesta críticos: movimento armorial. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00063, p. 11, 17 mar. 1972.

<sup>148</sup> MOVIMENTO armorial. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00110, p. 18, 14 mai. 1972.

[...] eu sou monarquista legitimista [...] se o meu sonho se realizasse a monarquia seria restaurada no Brasil.”<sup>149</sup>. Pode-se notar que o indivíduo Ariano tem uma religiosidade arraigada no catolicismo, bem como, uma profunda admiração pelo período monárquico. No entanto, a figura considera-se de esquerda, e não marxista. Em entrevista concedida pelo próprio Ariano – mais de trinta anos depois da criação do armorial – ele explicou melhor o seu posicionamento político e ideológico, e abordou sobre a sua relação com o regime autoritário na época de sua atuação no Conselho Federal de Cultura:

[...] Eu sou de esquerda, mas não sou marxista. E, naquela época, estava começando uma separação radical entre católicos de esquerda e marxistas [...] nunca fui incomodado pelo regime autoritário. Sendo um católico de esquerda, pude, de uma maneira astuciosa, gozar de uma ‘imunidade’. Assim, consegui continuar a falar em Cultura Brasileira, em geral, porque a categoria Cultura Popular estava revogada. Quando veio o movimento militar, fecharam os movimentos de cultura popular e os centros de cultura. [...] Eu fui o fundador do Movimento de Cultura Popular [...] Discordei do Movimento porque eles faziam um teatro excessivamente engajado e eu era, como ainda sou, contrário a isso [...] prejudica o próprio teatro.<sup>150</sup>

Em relação ao movimento armorial em si, é complexo afirmar qualquer posicionamento político advindo desta tendência cultural, pois não é constatado formas de protesto em oposição ou declarações que envolvam a aceitação do movimento em termos de conotações políticas. Porém, levando-se em consideração o posicionamento ideológico, político e a postura do criador do movimento em relação ao regime autoritário, pode-se afirmar que houve afinidades da música armorial com as características musicais eruditas, buscando elementos do barroco e do medieval, além do incentivo à conservação das tradições populares.

Fica evidenciado que o movimento adotou uma postura acomodada, já que o protesto não é uma característica inerente ao Armorial e como é observado, realmente não era o seu objetivo. Portanto, a sua tendência foi acomodar-se à passividade mediante os eventos externos, focando apenas no interesse cultural e na contribuição que o movimento poderia gerar para o campo artístico e intelectual. Contudo, faz-se

---

<sup>149</sup> BRENNAND, Francisco. Monarquia é um sonho que Ariano quer ver realidade. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00022, p. 6, 27 jan. 1972.

<sup>150</sup> LEITÃO, C. Entrevista com o escritor Ariano Suassuna. **Políticas Culturais em Revista**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 152-153, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/3196>. Acesso em: 9 set. 2023.

necessário afirmar que a sua prática cultural estava totalmente alinhada com os interesses dos defensores da ditadura.

#### 4.2. O Coral Universitário de Alagoas no segundo Festival de Verão (1972)

O segundo Festival de Verão teve como uma das entidades estatais envolvidas em sua organização, a Universidade Federal de Alagoas - UFAL, e não apenas isso, mas também contou com a participação do Coro Universitário de Alagoas como uma das importantes atrações do evento, esse coro era parte das atividades acadêmicas que compunham a programação. Em virtude do entendimento de que qualquer grupo ou atividade acadêmica inserida dentro da UFAL se encontrariam submetidas às demandas e ordenamentos estatais, o foco será dado ao elo entre o Coral Universitário e o que eventualmente ocorria dentro da Universidade naquele dado momento.

Levando-se em consideração, principalmente, o período do regime autoritário e o fator do enrijecimento das ordens e regras advindas do Estado na relação com as Universidades. O presente tópico abordará a perspectiva de que o Coral Universitário Alagoano não fugiria a conformidade a este regramento, em detrimento que a coercitividade advinda do governo central vigente à época, influenciou as suas atividades, assim como dos envolvidos quanto às suas ações dentro do ente estatal, vinculadas às regras e ordenamentos da Universidade e mais especificamente ao Estado.

O cargo de Reitor detinha um importante papel para o regime autoritário, visto que eleger determinado indivíduo alinhado, seria uma forma de estabelecer uma circunstância menos problemática em termos de divergências ideológicas ou contratempos com líderes insubmissos. Segundo Motta<sup>151</sup> (2014) após o golpe militar, iniciou-se um processo de “limpeza” dentro das Universidades em que o interesse era que os Reitores caminhassem nas linhas que o Estado impusesse, e caso não

---

<sup>151</sup> MOTTA, Rodrigo P. Sá. **As universidades e o regime autoritário: cultura política brasileira e modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. cap. 1. E-book.

ocorresse, poderia sofrer pressões vindas do Estado, o que resultava muitas vezes em abdições de cargos em detrimento disto. O interesse maior se manifestava no alinhamento de interesses, colocando indivíduos que fossem de confiança para os militares.

No final do ano de 1971, foram momentos importantes para o grupo, o Coral Universitário encontrava-se participando de eventos externos como o III Festival Nacional de Coros em Porto Alegre, que representaram Alagoas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. De acordo com o *Jornal de Alagoas*<sup>152</sup> (1971) o Coral Universitário chegou a alcançar destaque ficando entre os finalistas do mencionado concurso nacional. Segundo outra matéria do *Jornal de Alagoas*<sup>153</sup> (1971) em virtude do destaque recebido, o coral foi convidado para participar de outro concurso ainda em Porto Alegre, o Festival Panamericano de Corais entre as Universidades Federais. Ainda nessa matéria, a direção do Coral encontrava-se sob a responsabilidade do professor e maestro Benedito Fonseca que chegou a ganhar um prêmio de melhor maestro do evento.

É interessante destacar que a participação do Coral neste Festival de Coros ocorreu alguns meses anteriores da apresentação no Festival de Verão de Marechal Deodoro, e pode-se observar uma aparente mudança na regência do mesmo, já que neste evento em Marechal, quem dirigiu o Coral foi o Maestro Antônio Carlos Plech, em vez de Benedito Fonseca. De acordo com o *Jornal de Alagoas*<sup>154</sup> (1972) a execução de sua apresentação no Festival de Verão ocorreu no dia 29 de janeiro.

A relação do Coral Universitário com o regime autoritário, deve ser voltada para as circunstâncias da liderança da Universidade naquele momento. É importante salientar que alguns meses anteriores à efetivação do segundo Festival de Verão de 1972, a Universidade Federal de Alagoas passava por um processo de mudança na gestão da Reitoria. Ao analisarmos as matérias divulgadas naquele período, ficou evidente que alguns nomes estavam sendo levantados como possíveis sucessores visto que a nomeação do sucessor deveria ser dada pelo então presidente Médici. De

---

<sup>152</sup> CÔRO de Alagoas entre os finalistas no RGS. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 13 out. 1971.

<sup>153</sup> CORO universitário teve melhor maestro do FNC. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 15 out. 1971.

<sup>154</sup> MARECHAL Deodoro prepara-se para o 2º Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 3, 18 jan. 1972.

acordo com o Diário de Pernambuco<sup>155</sup> (1971) uma lista de nomes foi enviada para Médici para que efetuasse a escolha do novo reitor para substituir Aristóteles Calazans Simões no cargo.

A decisão foi tomada e o escolhido foi o professor e General militar Nabuco Lopes Tavares da Costa Santos, que foi nomeado pelo presidente Médici em 1971. O Jornal de Alagoas declarou, “[...] Médici nomeou como Reitor da Universidade Federal de Alagoas, o professor Nabuco Lopes Tavares da Costa Santos, que por outro decreto foi exonerado da direção do Instituto de Ciências Biológicas, da mesma Universidade.”<sup>156</sup> Nabuco, já fazia parte do quadro de docentes da Universidade e o seu currículo de fato, detinha afinidades com o padrão de adeptos ao regime. Segundo o Jornal de Alagoas<sup>157</sup> (1972) Nabuco era Presidente do Conselho Estadual do Projeto Rondon. Este projeto integrava parte do planejamento militar dentro de ações nas Universidades Públicas. Motta afirma,

[...] O objetivo principal do Projeto Rondon era desmobilizar o radicalismo dos estudantes, atraindo alguns líderes para os valores do regime militar. A intenção era oferecer ao Estado outra alternativa além da repressão aos estudantes: um projeto que atraísse os jovens, apelando para o idealismo e o patriotismo, em benefício das metas nacionalistas dos militares. Secundariamente, no entanto, a Operação Rondon estava integrada aos planos de interiorizar o surto modernizador e desenvolvimentista, por meio do deslocamento de estudantes e professores portadores de novos conhecimentos para áreas isoladas.<sup>158</sup>

Outra característica atrelada a Nabuco, diz respeito às metas que foram buscadas pelos militares, cujo conteúdo dizia respeito a uma suposta “modernização” do meio acadêmico. Durante o regime autoritário, as universidades receberam valores orçamentários para atingir essa finalidade, além do interesse dos militares na tentativa de acalmar os ânimos da comunidade e conquistar o apoio universitário, já que muitos resistentes ao regime eram parte justamente das Universidades, Motta afirma,

---

<sup>155</sup> SOUTO, Bernardino. Candidatos fortes para a Reitoria. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00218, p. 11, 22 set. 1971.

<sup>156</sup> MÉDICI escolhe Nabuco para Reitoria. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 357, p. 1, 12 out. 1971.

<sup>157</sup> ESTUDANTES do Rondon visitam Marechal em tempo de Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 5 fev. 1972.

<sup>158</sup> MOTTA, Rodrigo P. Sá. **As universidades e o regime autoritário: cultura política brasileira e modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. cap. 2. E-book.

[...] em 1969, o general Meira Mattos, recém-nomeado para o comando da Academia Militar das Agulhas Negras, resumiu a visão dos militares sobre desenvolvimento com segurança e o papel da educação [...] E, para alcançar as metas de desenvolvimento, fazia-se urgente aumentar investimentos em ciência e tecnologia, o que implicava também modernização universitária. Meira Mattos afirmou a importância da reforma educacional para alcançar o salto científico e tecnológico desejado, condição para o desenvolvimento e a autonomia do país, ao diminuir a distância tecnológica em relação aos países desenvolvidos.<sup>159</sup>

A situação do Reitor Nabuco Lopes em relação à Universidade Federal de Alagoas, também não foi diferente, sendo considerado responsável por buscar as mudanças na UFAL. O Reitor era comprometido com as metas do regime. Sobre esse aspecto, Élcio de Gusmão Verçosa menciona, “era General da reserva do Exército Nacional, que comungava com ele os ideais da modernização autoritário em curso no país.”<sup>160</sup> O autor fez referência entre a relação de Nabuco com o Exército, afirmando a afinidade entre ambos, nesse propósito. Além disso, o Diário de Pernambuco também confirma,

[...] o documento que o reitor Nabuco Lopes apresentou ao presidente da República, visa enquadrar a Universidade Federal dentro de uma realidade para a adoção de decisões racionais e para a criação e uma nova universidade, sugerida em modelos de reformas já existentes no país.<sup>161</sup>

Por volta de 3 meses após a nomeação do Reitor, ocorreu o segundo Festival de Verão de Marechal Deodoro com o envolvimento da UFAL. A partir das matérias jornalísticas consultadas no Jornal de Alagoas, no que diz respeito aos Festivais de verão, nota-se as fortes menções a UFAL como uma apoiadora.<sup>162</sup> Bem como, de acordo com o Jornal de Alagoas<sup>163</sup> (1972) uma das personalidades que incentivaram os Festivais foi justamente o reitor Nabuco Lopes. E, ainda, também há referências

---

<sup>159</sup> MOTTA, Rodrigo P. Sá. **As universidades e o regime autoritário: cultura política brasileira e modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. cap. 2. E-book.

<sup>160</sup> VÉRÇOSA, Élcio de Gusmão, 1997, p. 151 apud ABRÃO, Felipe Santos de Oliveira; CARDOSO, Lilian Bárbara Cavalcanti; AMORIM, Roseane Maria de. **COLÓQUIO INTERNACIONAL "EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE"**, 7., 2013, São Cristóvão. Anais eletrônicos. São Cristóvão: EDUCON, 2013. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/10340>. Acesso em: 10 set. 2023. p. 7.

<sup>161</sup> SOUTO, Bernardino. Mais uma universidade foi também solicitada. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00261, p. 2, 11 nov. 1971.

<sup>162</sup> ULTIMADOS preparativos para Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 2, 26 jan. 1972.

<sup>163</sup> MARECHAL Deodoro prepara-se para o 2º Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 3, 18 jan. 1972.

da promoção do DCC em conjunto com a Universidade Federal de Alagoas no que diz respeito ao segundo Festival de Verão.<sup>164</sup> Nesse sentido, não há como dissociar o Coro Universitário do alinhamento com o regime autoritário, visto que o próprio Reitor era um adepto e o coro era parte integrante da Universidade, e encontrava-se submetida aos regramentos e interesses do ente estatal.

Logo, é importante levar em consideração a participação e o peso efetivo da Universidade Federal de Alagoas no Festival de Verão, em virtude de sua influência por ser um ente estatal ligado diretamente às diretrizes do governo militar, e que conjuntamente, inseridos na administração de suas atividades, o cargo de Reitor naquela ocasião estivera ocupado por um militar adepto e escolhido diretamente pelo presidente-ditador Médici. Com isso, obter o total apoio de um Reitor nessas circunstâncias e nesse momento reflete o interesse e a afinidade do Festival de Verão daquele ano aos interesses desse segmento, assim como, os rumos que o Coral Universitário estaria traçando em suas atividades estariam influenciadas diretamente por essa circunstância, de acordo com o que é permitido ou não dentro do ordenamento interno vigente naquele período.

#### 4.3. Sérgio Ricardo, a representação da esquerda no segundo Festival de Verão

A atração de destaque nacional que foi mencionada múltiplas vezes no periódico *Jornal de Alagoas* a respeito do segundo Festival de Verão de 1972, foi o cantor Sérgio Ricardo. Segundo o *Jornal de Alagoas*<sup>165</sup> (1971), a contratação de Sérgio Ricardo para o Festival de Verão foi uma sugestão de Cacá Diegues que foi aceita pela organização. Ele foi o único artista de reconhecimento nacional do âmbito da música popular brasileira – naquele período – a compor a programação de 1972.<sup>166</sup>

---

<sup>164</sup> BARBOSA, Milício. Marechal Deodoro vive o clima do Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 1, 30 jan. 1972.

<sup>165</sup> SÉRGIO Ricardo contratado para o Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. p. 31 dez. 1971.

<sup>166</sup> "SHOW" de Sérgio Ricardo é atração do Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 1, 3 fev. 1972.

O nome verdadeiro do artista Sérgio Ricardo, era João Lufti. De acordo com matéria jornalística do período, ele fora descoberto graças a cantora Maysa Matarazzo.<sup>167</sup> Sérgio Ricardo atuava em dois segmentos do campo artístico. Na área musical, era considerado cantor, instrumentista e autor de várias obras musicais, tais como “Beto Bom de Bola”, “Zelão” e “Calabouço “. Ele também atuava como cineasta. Além de dirigir filmes, compôs diversas canções para trilhas cinematográficas e peças teatrais. Uma das suas trilhas foi para o filme “A compadecida” (1969) baseado na obra teatral de Ariano Suassuna que retrata temas como religiosidade e temáticas sociais<sup>168</sup>. Também compôs trilhas para seus próprios filmes, a exemplo de “Juliana do amor perdido”<sup>169</sup> que chegou ao Festival Internacional de Berlim<sup>170</sup>e “Esse mundo é meu”<sup>171</sup>.

Assim como, produziu obras consideradas críticas ao regime, como para o filme de Glauber Rocha “Terra em transe”.<sup>172</sup> A relação de Sérgio Ricardo com o cineasta Glauber Rocha tinha afinidades ideológicas, visto que no seu histórico Sérgio compôs músicas não apenas para esse filme de Glauber, mas outros também estão incluídos em seu currículo. De acordo com Mello<sup>173</sup> (2003) devido ao contato de Sérgio Ricardo com o meio cinematográfico, o mesmo pode ter sido influenciado por um contexto que do qual Glauber Rocha era integrante, a partir de vivências conjuntas, a exemplo das presenças de ambos nas reuniões do centro popular de cultura (CPC). Nas reuniões do CPC, além de debater sobre música, debatiam política, mesclando uma abordagem que utilizava a arte atrelada à realidade social. Ambos eram artistas e intelectuais de posicionamentos de esquerda.

A trajetória de Sérgio Ricardo no universo da música se deu interligada à bossa nova e ao samba, sua carreira já existia antes do golpe civil-militar. Conjuntamente, a

---

<sup>167</sup> SABINO, Mário. A volta de Sérgio Ricardo. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00136, p. 9, 15 jun. 1971.

<sup>168</sup> CAVALCANTI, Airton. “Compadecida” de Ariano centraliza ainda as atenções. **Diário da Manhã**, Recife, n. 1006, p. 8, 6 out. 1969.

<sup>169</sup> UM filme-poema de Sérgio Ricardo. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 00048, p. 30, 21/27 mai. 1970.

<sup>170</sup> SPENCER, Fernando. De volta do filme de Sérgio Ricardo: “Juliana do amor perdido”. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00184, p. 6, 12 agos. 1971.

<sup>171</sup> CAVALCANTI, Airton. Sérgio Ricardo, versatilidade invulgar na arte brasileira. **Diário da manhã**, Recife, p. 2, 13 jun. 1966.

<sup>172</sup> CAVALCANTI, Airton. “Terra em Transe” vai revelar problemas sôbre a atual conjuntura. **Diário da manhã**, Recife, p. 5, 20 mai. 1968.

<sup>173</sup> MELLO, Zuza Homem de. **A era dos festivais: uma parábola**. Brasil: Editora 34, 2003. cap. 2. E-book.

consolidação do regime autoritário no Brasil em 1964, influenciou diretamente nas produções culturais do cantor, que buscou focar em certas temáticas durante a criação de suas obras, que envolvia a conscientização política e social, dedicando a sua carreira à produção cultural nesse sentido. A revista *Realidade*<sup>174</sup>, em texto publicado em 1966, identificou Sérgio Ricardo como parte integrante do grupo que compunha sobre temáticas direcionadas para problemas sociais. E, de fato, Sérgio Ricardo se enquadrava no perfil do militante de esquerda, contrário ao regime e que buscava liberdade de expressão em suas formas musicais.

Durante a década 1960, um grupo de cantores e compositores emergiu com as suas músicas engajadas, recheadas de críticas sociais e alfinetadas à situação que o país se encontrava, que se tornou a conhecida MPB - Música Popular Brasileira, cujo nicho Sérgio Ricardo também compunha. Sobre a chamada MPB, Zuzana Homem de Mello<sup>175</sup> pontuou que: “[...] sendo a música popular um meio privilegiado de representação da consciência política estudantil e da sensibilidade artística do país, não poderia ignorar as tensões político-sociais do momento. Os festivais seriam o ambiente ideal.”

Essa tendência de compositores e cantores desse período, buscavam dar um propósito político e crítico à música brasileira, principalmente diante do cenário repressivo que surgiu após o golpe civil-militar atingindo diretamente o ramo cultural. Vários nomes conhecidos fizeram parte desse movimento, a exemplo de Taiguara, Geraldo Vandré e o próprio Sérgio Ricardo.

No âmbito político, a postura de Sérgio em relação ao regime autoritário e a circunstância social e política que o Brasil se submeteu durante esse período, manteve-se em posicionamento crítico e de indignação, principalmente por atos como a censura que recaiu no campo cultural. E, obviamente, Sérgio por não ser alinhado e sendo de oposição ao regime, enfrentava as consequências em suas produções artísticas, assim como outros integrantes do meio cultural sofriam. As próprias

---

<sup>174</sup> MÚSICA: política dá samba?. *Realidade*, São Paulo, n. 00002A, p. 10, mai. 1966.

<sup>175</sup> MELLO, Zuzana Homem de. *A era dos festivais: uma parábola*. Brasil: Editora 34, 2003. cap. 9. E-book.

canções do artista recaíram nas mãos da censura, como a canção “Calabouço” que foi composta em referência a um massacre estudantil ocorrido em 1968.

Em 1967, ocorreu um episódio que contribuiria significativamente para o declínio da carreira do cantor. O fato se resumiu à apresentação de Sérgio no Festival da TV Record quando uma de suas composições foi classificada para a fase final do evento e a canção já estava sendo mal recebida pelo público. A música “Beto Bom de Bola” foi vaiada pela multidão e, apesar das tentativas frustradas de Sérgio em continuar a sua performance, não tivera êxito, levando o cantor ao extremo estresse. Ele quebrou violentamente o seu violão em pleno palco, arremessando-o a plateia. Na obra de Zuza Homem de Mello<sup>176</sup>, declara-se “[...] normalmente uma pessoa tranquila e educada, com uma postura política muito acentuada, ele fora violentado de tal forma que explodiu. Na plateia, a estupefação era generalizada, ao mesmo tempo que a torcida esquerdista aplaudia [...]”. Para muitos, a ação de Sérgio foi vista como um ato de resistência. Esse episódio marcou tanto a carreira do cantor que escreveu um livro “Quem quebrou o meu violão”, relatando os bastidores deste fato.

Seguindo a linha musical manifestada em sua carreira, Sérgio Ricardo participou do segundo Festival de Verão de Marechal Deodoro no campo da música. De acordo com o Jornal de Alagoas<sup>177</sup> (1972) o show de Sérgio Ricardo no Festival de Verão, deu-se como uma de suas performances nacionais, executadas principalmente no meio universitário brasileiro naquele momento. Foram denominadas de “Conversação da paz”, e foi incluída de forma inédita, um acompanhamento musical, tendo a participação de um grupo de zabumba. Além de, algumas performances de 3 músicas do cantor tocadas em conjunto com um grupo denominado de “esquentá muié” de Marechal Deodoro. Bem como, ainda, segundo essa mesma matéria, as músicas abrangeram os gêneros pertencentes à trajetória de Sérgio Ricardo, como a bossa nova, o samba, assim como, outros trabalhos envolvendo o folclore do currículo do cantor.

Por fim, a presença de Sérgio em um evento como o Festival de Verão reforça de maneira substancial o que é afirmado sobre aparentes contradições do regime

---

<sup>176</sup> I MELLO, Zuza Homem de. **A era dos festivais**: uma parábola. Brasil: Editora 34, 2003. cap. 6. E-book.

<sup>177</sup> SÉRGIO Ricardo é presença hoje no II Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 1, 4 fev. 1972.

autoritário, já que nem sempre o padrão que se espera, como apenas envolvidos adeptos neste caso, era o que se materializa na prática. Sérgio Ricardo era um cantor militante e de esquerda da classe popular musical e que era bem recebido pelo público. No entanto, a postura adotada pelo mesmo inserido dentro dos Festivais de Verão era de possível passividade e acomodação nesse contexto, seu show se deu de forma tranquila, levando-se em consideração as menções dos periódicos a respeito de sua apresentação musical. Ter a presença de um artista engajado é ambíguo, mas compreensível dado o histórico desse período no âmbito das relações sociais. Portanto, nesse caso em específico, ao atender a um pedido do cineasta alagoano Cacá Diegues, evidencia-se muito mais uma busca de “conciliação” das elites intelectuais alagoanas, do que propriamente uma “contradição”.

## 5. CONCLUSÃO

A partir das análises sobre as primeiras duas edições do importante Festival, percebe-se que, em Alagoas, nem sempre a ditadura pode ser caracterizada pelo seu aspecto “militar”. É difícil compreendermos o tema estudado se ficarmos apenas na interpretação binária que envolve a divisão simplista de “Estado opressor” / “sociedade vítima” ou militares *versus* civis, por exemplo. Houve adeptos iniciais, a incorporação de adesistas e, alguns casos a aparente tolerância e permissões, mesmo de oposições em casos específicos, como é afirmado por autores como Rodrigo Patto de Sá Motta.

Obviamente, essas motivações mantinham conexões com interesses particulares para atingir certos objetivos concretos com o propósito de privilegiar detentores de poder, quer sejam militares, quer sejam civis. Esses traços de tolerância e flexibilidade ficaram evidenciados nos Festivais de Verão, principalmente com a presença do cantor opositor ao regime autoritário, Sérgio Ricardo. Nesse sentido, mesmo em um contexto autoritário, mais uma vez as características conciliatórias do regime autoritário em solo alagoano se fazem presentes gerando uma tonalidade ambivalente, desde que não ultrapasse a linha imaginária traçada pelas elites locais, como foi a polêmica que envolveu os *hippies* e as boates locais.

No que diz respeito ao interesse intelectual e artístico de personalidades já conhecidas no estado alagoano do âmbito cultural, que colaboraram como parte integrante da organização, pode ter ocorrido de fato um interesse em proporcionar contribuições novas para a cultura local alagoana através dos Festivais, adotando assim, uma postura acomodada diante as circunstâncias externas. Porém, o perfil dos envolvidos nos Festivais de Verão não eram somente daqueles que tinham interesses de cunho cultural, mas também havia a presença de autoridades alinhadas ao regime autoritário, tanto civis quanto militares. E, isso é comprovado com a presença dessas personalidades tanto nos bastidores da organização como o caso de Afrânio Lages e sua família, quanto com a mera presença como o caso de César Cals que compareceu ao evento.

Nesse sentido, pode-se dizer que os interesses em torno dos Festivais de Verão não eram apenas daqueles no âmbito cultural, mas também, de outros que mantinham

uma visão mais política envolvendo os benefícios que a concretização dos Festivais de Verão poderia acarretar para o estado alagoano, o que seria proporcionado através dos eventos. Nessa categoria, há o exemplo do ex-governador Afrânio Lages que naquele momento estava buscando aplicar incentivos e expandir economicamente Alagoas e uma das formas escolhida para esta finalidade que era por via do turismo.

Os episódios ocorridos durante a execução dos Festivais, como o caso já mencionados dos *hippies* e as prisões afirmadas pelos periódicos por suspeitas de subversão que são características do regime autoritário, somados ao destaque dos periódicos das ações preventivas policiais e de divulgação do esquema de segurança planejado, objetivava construir a imagem de Festivais “da paz”. Esse aspecto também denota uma certa necessidade de controle social. Nesse sentido, os Festivais mantiveram uma postura que pode ser considerada de passividade em toda a sua conjuntura, não sendo constatado sinais de resistência ou atos de oposição em suas atividades.

O que reforça isso também, seria o fato de que a presença de indivíduos opositores ao regime ser quase nula ou mesmo, que houvesse indícios de que levasse aqueles que detém uma postura engajada a alguma manifestação, provavelmente seriam frustradas pela segurança pública nos Festivais. Ainda, a forte presença de um opositor que se pode enfatizar neste cenário seria o cantor Sérgio Ricardo que de fato, mantivera no decorrer de seu dado histórico, uma posição de resistência, e esse fato, reforça o aspecto conciliatório manifestados nos Festivais. Nesse sentido, como nem todo evento que envolve a ditadura civil-militar envolve a resistência como protagonista, os Festivais de Verão são exemplos do tipo de evento incluído nesta categoria, visto que não há indícios que convergissem para essa conclusão.

Dessa forma, pode-se afirmar que os eventos iniciais dos Festivais de Verão de Marechal Deodoro, aludindo a estas edições documentadas e analisadas pelo presente trabalho, foram eventos que mantiveram um cunho ideológico de alinhamento ao regime autoritário de forma mais predominante e por parte de alguns, uma conveniente acomodação e passividade. Pode-se observar traços de posturas deste comportamento advindas de intelectuais e artistas, inclusive os de histórico de engajamento, como o cantor Sérgio Ricardo. No entanto, voltando-se para a perspectiva em relação aos declaradamente adeptos, observa-se um grau de

tolerância e flexibilidade mediante a presença desses indivíduos, mantendo-se a pacificação em prol da execução do evento, e nota-se que essa passividade se manifestou de maneira mútua. Com isso, pode-se afirmar que os Festivais de Verão mantiveram as mesmas complexidades inerentes ao regime, as presentes ambiguidades e conciliações por parte dos indivíduos e instituições.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLÓQUIO INTERNACIONAL "EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE", 7., 2013, São Cristóvão. Anais eletrônicos. São Cristóvão: EDUCON, 2013. Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/10340>. Acesso em: 10 set. 2023.

MAIA, Tatyana de Amaral. **Cardeais da cultura nacional: o Conselho Federal de Cultura e o papel civil militar (1967 1975)**. 2010. 194 f. Tese (Doutorado em História Política) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/13032>. Acesso em: 29 set. 2023.

MELLO, Zuza Homem de. **A era dos festivais: uma parábola**. Brasil: Editora 34, 2003. E-book.

MOTTA, Rodrigo P. Sá. **As universidades e o regime autoritário: cultura política brasileira e modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. E-book.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Passados presentes: o golpe de 1964 e a ditadura militar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime autoritário brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014. E-book.

REIS, Daniel Aarão. "**A revolução e o socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e construção do consenso**". In: Denise Rollemberg e Samantha Viz Quadrat (orgs). *A construção social dos regimes autoritários*. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 2010.

SILVA, Enaura; Bomfim Edilma. **Dicionário: mulheres de Alagoas ontem e hoje**. Maceió: Edufal, 2007.

VICTOR, Adriana; LINS, Juliana. **Ariano Suassuna: um perfil biográfico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. E-book.

## FONTES

22 GOVERNADORES tomam posse hoje: eis alguns dados biográficos sôbre os novos governadores. **Diário da Noite**, São Paulo, n. 13890, p. 4, 15 mar.1971.

A FORÇA do Oásis: Investimento e Turismo. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00220, p. 7, 16 set. 1972.

AFRÂNIO condena campanha contra o Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 30 dez. 1970.

AFRÂNIO Lages: um governo voltado para o seu futuro. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00061, p. 1, 15 mar. 1972.

ALBERTO, João. I Festival de Verão. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00302, 2º Caderno, p. 5, 25 dez. 1970.

ALBERTO, João. O grande acontecimento do ano em Alagoas. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00186, p. 7, 6 ago. 1972.

ARIANO Suassuna defende preservação de arquitetura. **Diário de Pernambuco**, Recife, n.00246, p. 13, 20 out. 1970.

BARBOSA, Milício. Marechal Deodoro vive o clima do Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 1, 30 jan. 1972.

BARROS, Jozzil. Cidade perde a calma no início do Festival. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00304, p. 12, 29 dez. 1970.

BARROS, Jozzil. Cidade perde a calma no início do Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 30 dez. 1970.

BRASIL. **Decreto nº 24.660, de 11 de julho de 1934**. Cria a ordem do mérito militar. Brasília, DF: Presidência da República, 1934. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1930-1949/D24660.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D24660.htm). Acesso em: 18 ago. 2023.

BRENNAND, Francisco. Monarquia é um sonho que Ariano quer ver realidade. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00022, p. 6, 27 jan. 1972.

CAVALCANTI, Airton. Sérgio Ricardo, versatilidade invulgar na arte brasileira. **Diário da manhã**, Recife, p. 2, 13 jun. 1966.

CEARÁ nova esperança de César Cals. **O Cruzeiro: Revista**, Rio de Janeiro, n. 0014, p. 75, 7 abr. 1971.

CÉSAR Cals vai fazer Festival no Ceará. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 30 dez. 1970.

CÉSAR Cals vai fazer Festival no Ceará: professor Afrânio condena campanha contra o Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 30 dez. 1970.

CHALITA, Solange B. Lages. Médica, feminista, deputada, literata. Maceió: Assembleia Legislativa de Alagoas, 2021. E-book. Disponível em: <https://www.al.al.leg.br/LIVROLILYLAGES.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2023.

CHALITA, Solange Berard Lages. **Currículo do sistema currículo Lattes**. [Brasília], 6 fev. 2009. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1471622912117754>. Acesso em: 22 ago. 2023.

COMISSÃO do I Festival de Verão apela: façam logo suas inscrições. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 225, p. 1, 13 dez. 1970.

CORAL do Carmo no Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 19 jan. 1972.

CÔRO de Alagoas entre os finalistas no RGS. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 13 out. 1971.

CORO universitário teve melhor maestro do FNC. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 15 out. 1971.

DAQUI e ali. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00303, p. 9, 27 dez. 1970.

DECLARAÇÃO do Nôvo Ministro tranqüiliza setor cafeeiro. **Diário do Paraná**, Curitiba, n. 04383, p. 5, 24 fev. 1970.

DESAJUSTAMENTO. **Luta Democrática**, Rio de Janeiro, n. 05685, p. 3, 7 jul. 1972.

ENCERRADO o II Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 8 fev. 1972.

ESPECIAL Dia Internacional da Mulher: Lily Lages, a primeira deputada. In: **Assembleia Legislativa de Alagoas**. Maceió, 3 mar. 2020. Disponível em: <https://www.al.al.leg.br/comunicacao/noticias/especial-dia-internacional-da-mulher-lily-lages-a-primeira-deputada>. Acesso em: 1 ago. 2023.

ESTUDANTES do Rondon visitam Marechal em tempo de Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 5 fev. 1972.

FAMÍLIAS na política alagoana do século XX – (10) Lages. in: **História de Alagoas**. Maceió, Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/familias-na-politica-alagoana-do-seculo-xx-10-lages.html>. Acesso em: 20 jun. 2023.

FESTIVAL começa amanhã. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 235, p. 1, 25 dez. 1970.

FESTIVAL começou assinalando êxito: Exposição foi ponto forte do primeiro Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 236, p. 1, 27 dez. 1970.

FESTIVAL de Verão em Alagoas. **Revista Brasileira de Folclore**, Rio de Janeiro, n. 00032, p. 69, jan./abr. 1972.

FESTIVAL de Verão em Deodoro. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 210, p. 1, 24 nov. 1970.

FESTIVAL de Verão na antiga capital de Alagoas. **Revista Brasileira de Folclore**, Rio de Janeiro, n. 00028, p. 273, set./dez. 1970.

FESTIVAL de Verão terá a presença do ministro. **Jornal de Alagoas**, p. 1, 27 jan. 1972.

FESTIVAL de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 222, p. 6, 8 dez. 1970.

FESTIVAL do verão é aprovado pelo Conselho de Cultura. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 24 dez. 1971.

FESTIVAL. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00031, p. 15, 6 fev. 1972.

FOLGUEDOS populares. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 211, p. 3, 25 nov. 1970.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GRIMALDI elogia presidente do I. A. A. **Diário de Natal**, Natal, n. 09634, p. 5a, 12 ago. 1972.

HIPPIE banha-se pelado em Alagoas. **Diário da Tarde**, Curitiba, n. 21495, p. 3a, 29 dez. 1970.

I FESTIVAL de Verão de Alagoas. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00281, p. 16, 29 nov. 1970.

I FESTIVAL de Verão em Marechal Deodoro. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 206, p. 1, 22 nov. 1970.

II FESTIVAL de Verão em Mal. Deodoro. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00023, p. 11, 28 jan. 1972.

LAMENHA: ato e fato indiscutíveis. **Diário de Pernambuco**, Recife, n.00156, p. 9, 3 jul. 1970.

LEAL, César. Arte e literatura nordestina: novo ritmo com Ariano Maciel e da Paz. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00102, p. 5, 3 mai. 1970.

LEAL, César. Exposição. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00278. p. 5, 2 dez. 1971.

LEÃO, Anilda. Vencedora do Festival de Verão ficou surpresa e anuncia livro. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. p., 10 fev. 1972.

LEITÃO, C. Entrevista com o escritor Ariano Suassuna. **Políticas Culturais em Revista**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2008. Disponível: em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/3196>. Acesso em: 9 set. 2023.

LIMA, Marcelo Correia. Indústria paulista manifesta sua confiança no novo titular do MIC. **O Jornal**, Rio de Janeiro, n.14853, p. 3, 1 mar. 1970.

MARECHAL Deodoro prepara-se para o 2º Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 3, 18 jan. 1972.

MARECHAL vive o clima do Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 1, 30 jan. 1972.

MARTINS, Ademar. Ariano em Campina contesta críticos: movimento armorial. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00063, p. 11, 17 mar. 1972.

MASSA diz que a boate do Festival não foi proibida. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 22 jan. 1972.

MASSA reúne Delegados para prevenção durante o Carnaval e Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 7, 26 jan. 1972.

MAXIMIANO Campos lança um novo livro no dia 11. **Diário de Pernambuco**, Recife, n.00132, p. 3, 10 jun. 1971.

MÉDICI escolhe Nabuco para Reitoria. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 357, p. 1, 12 out. 1971.

MÉRITO militar a Calmon. **Correio Braziliense**, Brasília, n.02959, p. 3a, 8 ago. 1969.

MINISTRO presente ao II Festival do Verão. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00024, p. 11, 29 jan. 1972.

MÚSICA: política dá samba?. **Realidade**, São Paulo, n. 00002A, p. 10, mai. 1966.

NADA certo sobre. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 354, p. 1, 8 out. 1971.

O HISTÓRICO Festival de Verão de Marechal Deodoro. **História de Alagoas**. Maceió, Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/o-historico-festival-de-verao-de-marechal-deodoro.html>. Acesso em: 05 mai. 2023.

ORDEM do Mérito a Dias Leite e Calmon. **O Jornal**, Rio de Janeiro, n.14681, p. 3, 8 ago. 1969.

POLÍTICA do açúcar tem novo comando. **Cidade de Santos**, Santos, n. 00912, p. 4, 28 fev. 1970.

PONZZO, Humberto. Orquestra Armorial uma nova etapa da música. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00146, p. 14, 27 jun. 1971.

POR dentro dos negócios: expressas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, n. 00252A, p. 16, 29 jan. 1972.

PRATINI dá posse ao presidente do IBC. **Cidade de Santos**, Santos, n. 00911, p. 3, 27 fev. 1970.

PRATINI de Moraes: Biografia. In: Câmara dos Deputados. Brasília. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/65505/biografia>. Acesso em: 14 set. 2023.

PREPARADO o programa do Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 224, p.1, 12 dez. 1970.

QUARTETO Armorial se apresentará em igreja. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00269, p. 10, 21 nov. 1971.

ROSE, Lilian. Festival. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00031, p. 15, 6 fev. 1972.

SABINO, Mário. A volta de Sérgio Ricardo. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00136, p. 9, 15 jun. 1971.

SÉRGIO Ricardo contratado para o Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**. Maceió, n.p., 31 dez. 1971.

SÉRGIO Ricardo é presença hoje no II Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 1, 4 fev. 1972.

SERPA, Egidio. Cals discute com a ARENA nomes de seus secretários. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00007, p. 12, 9 jan. 1971.

SOCIAIS de Brasília. **Correio Braziliense**, Brasília, n.02859, p. 3a, 13 abr. 1969.

SOLANGE: com repressão o Festival não terá sucesso: a diretora do DCC explicou tudo sobre o Festival. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 8, 21 jan. 1972.

SOUTO, Bernardino. Afrânio: Alagoas não será expectadora do desenvolvimento. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00061, p. 12, 16 mar. 1971.

SOUTO, Bernardino. Candidatos fortes para a Reitoria. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00218, p. 11, 22 set. 1971.

SOUTO, Bernardino. Ex-prefeito vai saudar os novos governantes do Estado. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00049, p. 12, 2 mar. 1971.

SOUTO, Bernardino. Festival de Marechal Deodoro será aberto no próximo dia 29. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00018, p. 11, 22 jan. 1972.

SOUTO, Bernardino. Festival de Verão vai ser encerrado domingo. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00027, p. 11, 2 fev. 1972.

SOUTO, Bernardino. Inaugurado ontem o II Festival do verão. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00025, p. 24, 30 jan. 1972.

SOUTO, Bernardino. Mais uma universidade foi também solicitada. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00261, p. 2, 11 nov. 1971.

SPENCER, Fernando. De volta do filme de Sérgio Ricardo: "Juliana do amor perdido". **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00184, p. 6, 12 ago. 1971.

TÊM novos Governadores. **Diário de Natal**, Natal, n. 09080, p. 11a, 15 mar. 1971.

TURISMO: Afinal, uma descoberta. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 00061, p. 1, 15 mar. 1972.

TURMA da pesada mandou brasa no Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 5., 29 dez. 1970.

ULTIMADOS preparativos para Festival de Verão. **Jornal de Alagoas**, Maceió, p. 2, 26 jan. 1972.

UM Festival dos Jovens. **Revista O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 0017, p. 140, 28 abr. 1971.

UM filme-poema de Sérgio Ricardo. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 00048, p. 30, 21/27 mai. 1970.

VISITE Marechal Deodoro no "I Festival de Verão". **Jornal de Alagoas**, Maceió, n. 235, n.p., 25 dez. 1970.